

BRASIL-PORTUGAL

16 DE OUTUBRO DE 1903

N.º 114

Rainha Margarida, de Italia



Annuncia-se a vinda da viúva do malogrado rei Humberto I a Lisboa, onde será recebida no Paço da Ajuda por Sua Magestade a Rainha a Senhora D. Maria Pia, sua cunhada. O «Brasil-Portugal» dando o seu retrato saúda a illustre Princeza pela sua proxima viagem a Portugal

POLITICA INTERNACIONAL

Quando, não ha muito, nos occupámos da politica hespanhola a proposito da queda do ministerio Silvela, dissémos que a inexplicavel demissão do ministerio presidido pelo chefe do partido conservador era um erro, que em qualquer hypothese havia de produzir ou a annullação politica do ex-presidente do conselho ou o esphacelo do partido, que elle não soubera guiar a porto de salvamento. Mais cedo do que era licito esperar, vieram os acontecimentos confirmar o vaticinio que fizemos. Em logar, porém, da alternativa que estabelecemos, parece que ao mesmo tempo se verificam os dois factos previstos. O primeiro póde considerar-se como consummado. Quanto ao segundo, tudo leva a crer que não tardará a patentear-se ao publico, que por ora ainda ignora o trabalho de decomposição que se está operando nos bastidores do conservantismo hespanhol.

Numa carta dirigida á *Epoca* o sr. Silvela annuncia o seu proposito de se demittir desde já da chefia do partido conservador, retirando-se da vida publica logo que o actual ministerio deixe o poder. Esta noticia, que aliás está na logica da situação em que por inhabilidade o sr. Silvela se collocou, produziu enorme emoção nos circulos palacianos, e levou o desanimo e a confusão ás fileiras ministeriaes. O sr. Villaverde e os amigos da actual situação, como o sr. Romero Robledo, teem-se esforcado por fazer demover do proposito, em que está, o seu chefe. Até agora, porém, todas as diligencias teem sido baldadas, e o mais que parece se conseguiu, é que o sr. Silvela até á queda do governo não insista mais na demissão, que aliás é um facto irremediavel e para todos os effeitos consummado.

O chefe ou antes o ex-chefe do partido conservador dá como razão da sua retirada, primeiramente do governo e depois da presidencia do partido, a divergencia em que está com a opinião publica a respeito da reconstrução da esquadra. No entender do sr. Silvela a Hespanha precisa ter uma esquadra forte para poder aliar-se á França na questão de Marrocos e porventura em quaesquer questões mais, em que a republica franceza careça do auxilio da monarchia hespanhola. A Hespanha, apesar d'isso, não está convencida d'essa necessidade e portanto elle abandonou o poder cheio de desillusões e amarguras. Semelhante declaração, que dá bem a medida do que o sr. Silvela vale como estadista, não satisfiz ninguém — nem amigos nem adversarios. E, com effeito, não resistiu ella á mais benevola critica.

Em primeiro logar, parece-nos demasiada singeleza n'um primeiro ministro hespanhol suppôr e ainda mais declarar *urbi et orbe*, que a republica franceza deseja liquidar de accordo com a Hespanha a questão de Marrocos, necessitando para levar á realisação semelhante *entente*, que a sua eventual aliada tenha outra vez uma esquadra. O contrario é que tem todos os visos de verdadeiro. A questão de Marrocos, em vez de ser o traço de união a ligar a politica dos dois paizes, é e será sempre o pomo de discordia a dividil-os, porque os interesses das duas nações são n'essa parte da Africa antagonicos. Mesmo, porém, que a suposição do sr. Silvela fosse exacta, dizem os seus desapaçados amigos, mais uma razão para que elle se mantivesse firme no seu posto, a fim de fazer triumphar as idéas que julga mais acertadas e mais convenientes para a felicidade da nação, e não annunciasses em tão critico momento a sua retirada da vida politica. O ex-ministro das colonias inglez Chamberlain está mostrando bem eloquentemente ao mundo, como é que um verdadeiro estadista procede para fazer vingar o plano governativo que concebeu.

Mas todos sabem que a questão da esquadra foi apenas o pretexto escolhido á ultima hora para o sr. Silvela se eximir ás responsabilidades politicas, com que já não podia arcar. O governo, sobretudo depois do conflicto com os estudantes e ainda mais depois da estrondosa victoria dos republicanos, estava ferido de morte. Para nenhuma das questões que promettera resolver — nem para a religiosa, nem para a social, nem para a financeira — encontrára solução. Estava sem força e sem prestigio. A combinação Villaverde, que teve por fim salvar o partido conservador de immediato descalabro, cahiu pela base tornando-se contraproducente depois da renuncia do sr. Silvela á chefia do partido. Com effeito, a situação do actual presidente do conselho é em extremo embaraçosa. Chefe do governo sem o ser do partido que no poder representa; achando-se, além d'isso, este partido acephalo pela retirada do sr. Silvela; falta-lhe o natural apoio que o podia sustentar, e não tardará a achar-se á mercê das intrigas, a que a abertura da successão do chefe demittido va dar logar.

Mas se a vida do partido conservador é difficil e está sendo cortada por quasi insuperaveis difficuldades, a vida do partido liberal não se apresenta mais desafogada. Já em vida de Sagasta, principalmente nos ultimos tempos do seu derradeiro ministerio, as divergencias entre os *prohombres* do liberalismo ameaçavam converter-se em dissidencias irreductiveis. Moret, Vega de Armijo e Montero Rios, cada qual tinha no partido um especial conventiculo, e naancia de prepararem o terreno para a herança da chefatura convertiam o poder de que se achavam investidos em instrumento apenas de ambições, a que a sorte do paiz era de todo o ponto indifferente. Depois da morte de Sagasta, ainda a situação interna dos liberaes se agravou, como era natural. E tanto se agravou, que o partido tem vivido até hoje em permanente interinidade, porque os ciumes e as rivalidades dos seus principaes membros não consentem que se eleja um chefe. Foi para pôr termo a semelhante estado de coisas, o qual póde ir até á dissolução do grupo liberal, que grande numero de filiados n'este grupo, á frente dos quaes se encontram como principaes instigadores o ex-ministro da instrução publica, conde de Romanones, e Fernando Merimo,

genro do fallecido Sagasta, dirigiram uma carta aos srs. marquez de Vega de Armijo, Montero Rios e Moret, intimando-os a reunirem o partido para a eleição de um chefe antes da reunião das côrtes, que está marcada para o proximo dia 21 de outubro. N'essa carta os signatarios ponderam os graves inconvenientes que resultam para o partido e para o paiz da presente interinidade, levantam-se contra o proposito de se deixar á iniciativa da corôa a designação do chefe, e apontam os perigos d'este alvitre que, por um lado poria a corôa a descoberto obrigando-a a intrometer-se na vida interna de um determinado partido, e por outro lado tiraria ao chefe assim escolhido todo o prestigio e toda a independencia, convertendo-o quasi n'um mero familiar da realza.

Até agora ainda a convocação do partido liberal se não fez, começando mesmo a duvidar-se se ella se fará antes da abertura do parlamento, conforme os signatarios da carta alludida reclamam. Que acontecerá n'este caso? Uma nova dissidencia?

Como se vê, a situação do partido liberal não é melhor do que a do partido conservador, e a situação da Hespanha ainda é peor do que a de qualquer d'elles...

Com uma rapidez, que espanta os seus proprios promotores, tem-se de tal modo aggravado nas ultimas semanas a crise hungara, que de simples incidente da vida interna da Transleithana se converteu n'uma melindrosissima questão de politica imperial, que ameaça a propria existencia da monarchia. O rompimento entre o partido da independencia, que representa, póde bem affirmar-se, a maioria da nação e a corôa é completo, irremediavel. Torna-se difficil mesmo prever como é que o conflicto terminará, e a que meios poderemos recorrer o imperador Francisco José para o fazer sair do estado agudo em que se encontra. A ultima sessão da camara hungara, a que se apresentou o conde Khuen de Hedervary, depois de investido pelo rei com a missão de formar pela segunda vez ministerio, assumiu as proporções de um escandalo sem precedentes, sendo derrotado por grande maioria o presidente do conselho, e pronunciados contra o imperador-rei verdadeiros insultos. Duas palavras são necessarias para se comprehender a actual situação.

Ainda durante o governo anterior o grande estado-maior imperial convenceu os primeiros ministros das duas metades da monarchia — os srs. Szell e dr. Körber — de que era indispensavel para a defesa nacional elevar o contingente annual dos recrutados de 103.000 homens a 125.000, distribuindo-se o augmento proporcionalmente pelos dois respectivos estados. Tanto na Austria como na Hungria causou este projecto grande irritação. N'este ultimo paiz a opposição, representada principalmente pelo partido da independencia que tem por chefe o filho do grande Kossuth, principiou uma campanha de obstruccionismo, que teve como resultado final a queda do ministerio. O partido da independencia, aproveitando habilmente a occasião, exigiu para mudar de attitude que o novo governo concedesse á parte hungara do exercito imperial o uso da lingua magyar para as vozes de commando, deixando estas de ser dadas em allemão como até agora. Contra esta exigencia da opposição pronunciaram-se todos os conservadores na Hungria, e póde dizer-se que unanimemente todos os partidos na Austria. Porisso a solução da crise aberta pela demissão de Szell foi muito trabalhosa, decidindo-se por fim o imperador Francisco José a encarregar da formação do gabinete o conde Khuen de Hedervary, *banus* da Croacia, homem de grande energia, conforme o provou no governo que durante vinte annos lhe esteve confiado, mas parlamentar inexperiente e quasi que desconhecido dos partidos e dos circulos politicos de Budapest. A consequencia d'esta nomeação foi que, não obstante o conde Khuen ter prometido retirar o projecto de lei para o augmento do contingente militar, o obstruccionismo do partido da independencia continuou. Por infelicidade um amigo imprudente do presidente do conselho, o conde Szipary, tentou corromper alguns membros da opposição, mas com tanta inhabilidade o fez, que o facto foi levado ao parlamento, onde produziu tal escandalo que o ministerio teve de demittir-se. Principiou então segunda crise, mais difficil ainda de resolver do que a primeira, pela posição preponderante que o partido da independencia assumiu na camara e pelas exigencias que apresentou como condição *sine qua non* para cessar com o obstruccionismo.

Todos os politicos em evidencia foram consultados; indigitaram-se diversos presidentes de conselho; pensou-se em Szell, no dr. Weckerle, em Tisza e por fim e perante a recusa de todos, não tendo mais ninguém para quem appellar, o velho Francisco José encarregou novamente o conde Khuen de organizar ou antes reorganizar o ministerio. Como, porém, o imperador tivesse aproveitado a occasião das manobras militares na Galicia para n'uma ordem do dia affirmar a sua intenção de não transigrir na questão da lingua do commando para o exercito hungaro, e como o dr. Körber, presidente do conselho de ministros austriaco se pronunciou no mesmo sentido, a opposição da camara dos deputados em Pest promoveu tal escandalo, que o conde Khuen de Hedervary se viu obrigado a pedir outra vez a demissão. Está, pois, novamente em crise o governo na Hungria, e de modo tão grave esta crise se apresenta, que não é para admirar que ella provoque algum movimento revolucionario contra a corôa.

Canhoneira "Patria"

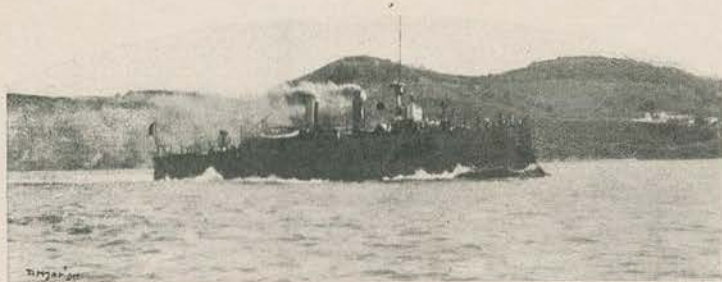
Um engenheiro muito novo, porque terminou este anno o seu curso e muito distincto, porque o completou com o maior brilho, o sr. Francisco Ferreira de Lima, que esteve em Lisboa acompanhado de alguns dos seus condiscipulos da Academia Polytechnica do Porto, em missão de estudo, percorrendo o Tejo na occasião em que a *Patria* andava em experiencias, tirou varios clichés photographicos da nova canhoneira em evolução, e gentilmente obsequiou o *Brasil-Portugal*, com umas provas que hoje damos em gravura.

Os leitores do Brasil hão de agradecer-lhe a offerta, porque tudo quanto respeita ao novo navio, construido com o producto de uma subscrição aberta no Rio de Janeiro, é sempre interessante para os nossos estimaveis assignantes d'alem-mar.

Do nosso novo collaborador artistico que é filho do illustre estadista o sr. conselheiro Wenceslau de Lima, nobre ministro dos negocios Estrangeiros, e que segue as tradições distinctissimas de sua familia, no trabalho e na intelligencia, daremos o retrato no primeiro numero.



*A canhoneira «Patria» dando a volta de Paço d'Arcos
Experiencias do leme electrico*



A canhoneira «Patria» descendo o rio em direcção ao Bugio — Experiencias de velocidade

Celeste

Tudo na minha vida ia acabando:
Essas flôres ideaes da phantasia
Iam-se, lentamente, definhando,

E a minh'alma tristissima e sombria
Começava a não ver no seu futuro
Um unico vislumbre d'alegria!

Porém, na tela d'esse fundo escuro,
En vi surgir a imagem luminosa
D'esse teu rosto celestial e puro,

E, — como se existisse alguma rosa
Dentro d'este meu peito, — eu vi então
Abrir-se, novamente, á luz radiosa

O meu triste e opprimido coração!
E tu, meu casto lirio immaculado,
Conseguiste tornar em um vulcão

O meu peito já quasi enregelado...
Bemdito sejas tu, alva cecem,
Que deste ao meu viver angustiado

Esse santo pharol que todos têm,
E que eu tinha perdido em pequenino
Por ter perdido o amor de minha Mãe!



*A canhoneira «Patria» nas experiencias de Velocidade
Medição das milhas*

Como tu conseguiste que o destino
Podesse debuxar na sua tela
A luz do teu perfil correcto e fino!

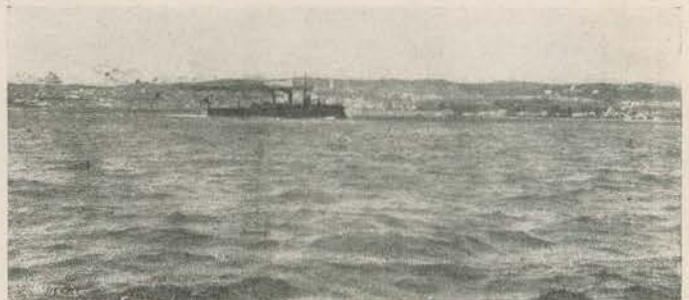
E' que tens n'essa fronte, alma singella,
Um não sei quê de santo e de celeste
Como o pallido brilho d'uma estrella:

E assim, foi quando tu me appareceste
Que essas nuvens sombrias da desgraça
Fugiram ao roçar da tua veste,

Bem como a noite escura foge e passa,
Ao ver surgir a luz do sol fulgente
Entre nuvens finissimas de cassa.

E's tão bella e gentil, ó flôr tremente,
— Rosa cahida dos jardins do Empyreo, —
Como a gotta d'orvalho transparente

Engastada no peito d'algun lirio!
O que eu sinto por ti, não é amor:
O que eu sinto por ti, é um delirio!



O regresso da canhoneira «Patria» para a amarração

Gosto immenso de vêr-te, ó minha flôr,
A cozer á janella ou encostada
N'essa mãosinha ideal, que é um primor;

Mas de manhã, se estás despenteada,
Fico louco se vejo, o meu thezouro,
A tua fronte bella encaixilhada

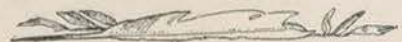
Nas espiraes do teu cabelo loiro,
Que te cahem depois até ao chão
Em catadupa ideal de fios d'oiro!...

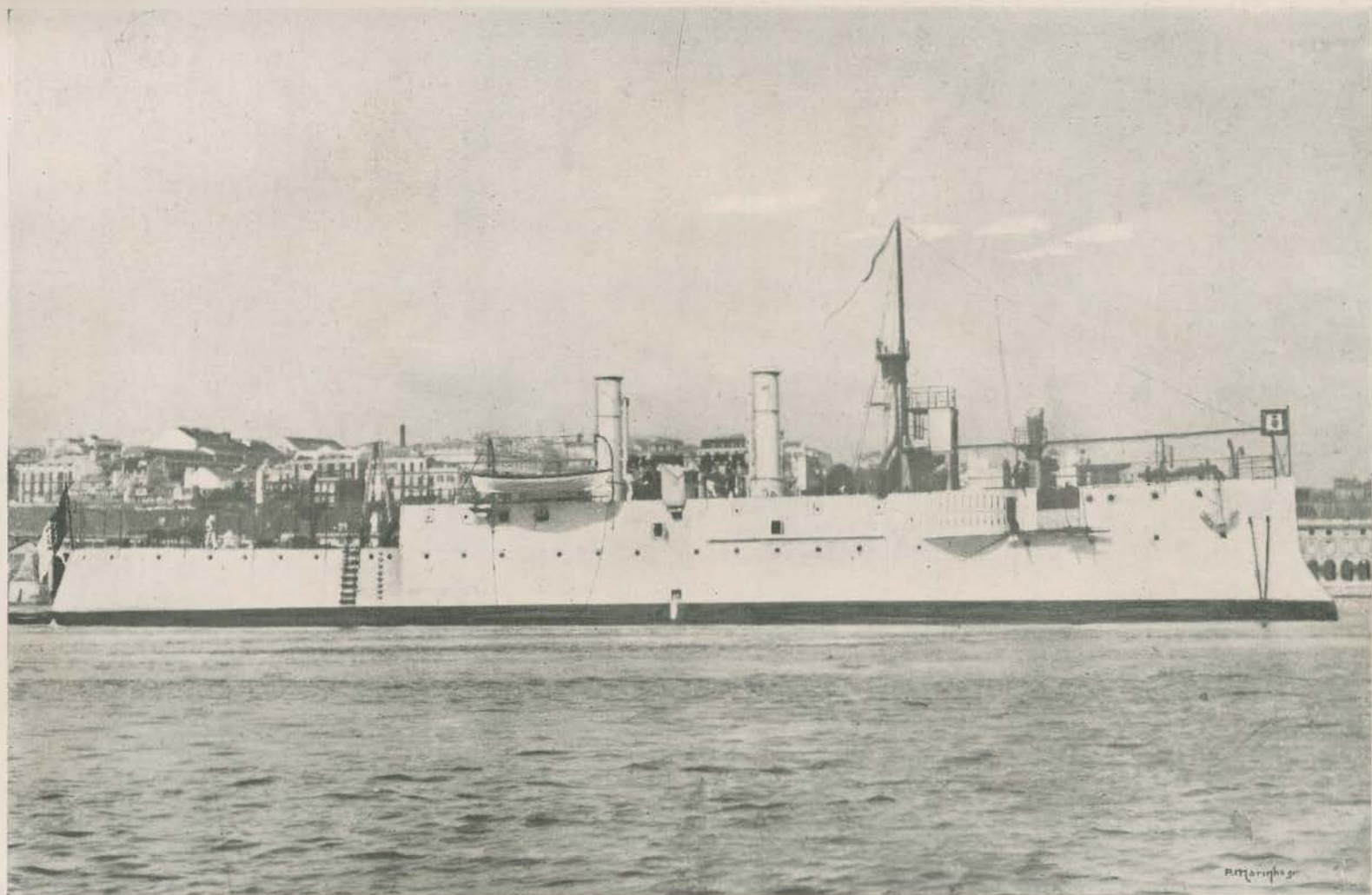
Ao vêr-te assim, eu julgo uma visão
A luz d'esse teu rosto peregrino,
E, se penso que és minha, eu digo então:

Bemdito sejas tu, lirio divino,
Que me deste esse amor que todos têm,
E que eu tinha perdido em pequenino
Por ter perdido o amor de minha Mãe!...

Lisboa, 1885.

EÇA DE ALMEIDA.





Vista da Canhoneira «Patria», ancorada no Tejo

Alfredo de Andrade



Aqueles que o talento e o trabalho põem em evidência, aqueles que, por obras de sciencia ou de arte, se destacam entre os seus contemporaneos, celebrisam o seu nome e honram o seu paiz, teem um lugar consagrado nas paginas do *Brasil-Portugal*. Tem cinco annos de vida esta illustração, e outra não tem sido a norma seguida até hoje. Por isso os nomes mais illustres do nosso tempo teem sido registados n'estas columnas, onde se não regateiam louvores a quem pelo valor pessoal os conquistou.

Dada esta orientação, uma divida estava em aberto. Vimos pagal-a hoje, acompanhando com palavras justas e simples o retrato de um dos portuguezes que em terra estrangeira mais gloria e renome tem conseguido para o seu paiz.

Foi na Italia, a patria por excellencia de todas as artes, que se desenvolveram e assignalaram, pondo-o em foco, impondo-o ao respeito e á admiração de todos os artistas italianos, os meritos exceptionaes de Alfredo de Andrade, que de Lisboa, onde nasceu, partiu para Genova, muito moço ainda, em 1854, acompanhado de seu irmão, Julio de Andrade.

O pae, abastado em meios, dedicava-o ao estudo do commercio, que chegaram a encetar, abandonando-o, porem, pouco depois e seguindo rumo diverso cada um dos irmãos.

Julio d'Andrade lia obras de philosophia, que talvez em grande parte contribuissem para n'elle se desenvolverem as qualidades de philanthropo, cujos serviços á cidade de Lisboa de todos nós são conhecidos. Seu irmão Alfredo passava o tempo a desenhar, sem que esses trabalhos rudimentares pudessem denunciar ainda o pintor e o professor d'arte, que mais tarde havia de notabilisar-se.

Ao fim de quatro annos voltavam a Lisboa, e em 1860 de novo seguiam para Italia pelo sul da França, demorando-se algum tempo n'uma cidade franceza, onde Alfredo d'Andrade recebeu lições do pintor Colonne, cursando d'ahi a pouco, em Genova, a escola de architectura, da qual obteve o titulo de professor honorario — taes os progressos conquistados em breve espaço de tempo.

Pintou depois paisagens, e para attestar o seu valor n'esse ramo de arte, bastaria um quadro seu que existe no nosso museu das Janellas Verdes.

A academia de Genova encarregou-o em 1860 da escola superior de arte decorativa. Em 1864, depois da exposição de Turim, na qual se tornou celebre pela construção do burgo e castello feudal do seculo xv, que hoje é visitado por todos os forasteiros, foi encarregado pelo governo italiano da conservação dos monumentos nacionaes, regionaes e de interesse local nas provincias do noroeste. Esse honroso lugar exerce-o ainda hoje, e sempre com brilho.

De então para cá tem feito parte de numerosas commissões artisticas, não havendo honras e homenagens que não tenha recebido, como, por exemplo, as de cidadão honorario de diversas cidades italianas onde executou trabalhos importantes de architectura e archeologia. A que mais, de certo, o sensibilizou foi a que lhe concedeu a cidade de Turim pela famosa reconstrução do burgo e castello feudal.

Em 1881, Alfredo d'Andrade visitou com o seu velho amigo e condiscipulo, o illustre homem de letras Rangel de Lima, alguns conventos extinctos de Portugal, e d'essas visitas d'estudo, possui a nossa Academia de Bellas Artes importantes relatorios, como os que se referem aos conventos de Lervão e de Vinhaes e á capella de S. Marcos, perto de Coimbra.

O de Lervão é illustrado com valiosas photographias, offerecidas por Carlos Relvas, que á sua custa acompanhou os dois commissarios n'aquella missão de estudo.

Ainda com Rangel de Lima foi pelo nosso governo encarregado

de conduzir a Londres os objectos portuguezes de arte retrospectiva que figuraram na exposição do Museu de Kensington realisada n'esse anno.

Actualmente, Alfredo d'Andrade faz parte da commissão dos monumentos nacionaes, que muito espera dos seus serviços, por isso que, apesar de viver na Italia, vem agora a Portugal todos os annos visitar as suas propriedades agricolas, em que está introduzindo todos os progressos da arte de lavoura.

Ahi fica, a traços rapidos o portuguez illustre que, podendo gozar ociosamente os rendimentos de uma abastada fortuna, tem consagrado á grande arte o seu talento de eleição e a sua infatigavel actividade.

Juntamente com o retrato de Alfredo de Andrade, reproduz hoje o *Brasil-Portugal* a casa da sua residencia em Florença, e o admiravel castello de Pavoni, no Piemonte, perto de Turim, que lhe pertence, e que foi reconstruido sob a sua direcção artistica.



Os vicios do capitão

1

Pouco importa o nome da cidadessita de provincia para onde o capitão Mercadier — trinta e seis annos de serviço, vinte e duas campanhas, tres feridas — se retirou quando lhe deu a reforma.

Parecia-se com todas as cidades que pedem, sem nunca o alcançar, um ramal de caminho de ferro; como se não bastasse para unica distracção dos indigenas ir todos os dias, á mesma hora, para a praça da Fonte, ver chegar ao grande galope a diligencia, com o ruido alegre dos estalos do chicote e dos guisos. Contava tres mil habitantes, a que a estatistica ch' mava ambiciosamente almas. Possuía estradas bordadas d'arvores, um lindo rio para pescar á linha, e uma igreja do mais bello estylo gothico. Todas as segundas feiras, enchia-se dos grandes guarda-chuvas azues e encarnados da feira, e as gentes do campo chegavam á praça em carros e a cavallo. Mas, no resto da semana, recaia no silencio e na solidão que tanto era do agrado da população de burguezes. As ruas da cidade eram todas calcetadas com grandes batos; e á altura dos *rez-de chaussée* viam-se quadros bordados a cabelo, e ramos de flores de larangeira dentro de mangas de vidro; e pelas meias portas dos jardins estatuetas de Napoleão. A principal hospedaria da terra chamava-se *Escudo de França*, e o recebedor do registro rimava acrosticos para as damas da boa sociedade.

O capitão Mercadier tinha escolhido esta residencia de refor-



Villino d'Andrade, Via Pico della Mirandola (Florença)

mado pela razão frívola de que era ali que tinha sido dado a luz, e de que, na sua agitada infância, tinha rasgado muito cartaz e puxado por muito cordão de campainha. E contudo não ia ali encontrar nem parentes, nem amigos, nem conhecidos, e as recordações da sua meninice só lhe deixavam ver caras indignadas de lojistas, que o ameaçavam com muros ás portas dos estabelecimentos, um cathecismo onde o ameaçavam com o inferno, uma escola onde lhe prophetisavam o cadafalso, e, finalmente, a sua partida para o regimento apressada por uma maldição paterna.

Porque não era um santo homem o capitão. A sua antiga folha de punições era negra de dias de sala de correção, inflingidas por actos de indisciplina, faltas ás chamadas e barulhos de noute nos dormitórios. Varias vezes estiveram para lhe arrancar os galões de cabo e de sargento, e foi-lhe preciso todo o acaso e toda a licença da vida de campanha para ganhar enfim a sua primeira dragona. Mas duro e bravo soldado; passara quasi toda a sua vida na Algeria. Tivera Lamoricière por commandante; o duque de Nemours, ao pé do qual recebeu o primeiro ferimento, condecorara-o; e quando era sargento-mór, Bugeaud chamou-o pelo seu nome e puxou-lhe as orelhas. Fôra prisioneiro de Abdel-Kader, trazia vestígios d'um golpe de yatagan sobre a nuca, d'uma bala na espada e d'uma outra na coxa; e não obstante o absintho, os duellos, as dividas de jogo e as judias de olhos pretos em amendoas, tinha penosamente conquistado, á ponta de baioneta e do sabre, o seu grau de capitão no 1.º regimento de atiradores.

O capitão Mercadier — trinta e seis annos de serviço, vinte e duas campanhas, tres feridas — acabava pois de obter a sua pensão de reforma, quasi dois mil francos, que, juntos aos duzentos e cinquenta francos da condecoração, o punham n'este estado de miseria honrosa que o Estado reserva aos seus velhos defensores.

A sua entrada na cidade natal foi isenta de fasto. Chegou, uma manhã, sobre a almofada da diligencia, mordendo um charuto apagado, já muito ligado com o conductor a quem, durante o tracto, tinha contado as suas aventuras militares; cheio de indulgencia de resto para com as distrações do seu auditor, que o interrompia muitas vezes com uma blasphemia ou com um insulto ao cavallo da direita. Quando a carruagem parou, atirou para cima do passeio com a velha mala, manchada de etiquetas de caminhos de ferro; e os ociosos das proximidades ficaram embaebacados por verem um homem condecorado — cousa ainda rara na provincia — offerecer vinho branco ao cocheiro, sobre o balcão da taverna mais proxima.

Installou-se summariamente. N'uma casa no extremo da cidade, onde mugiam duas vacas presas e onde as gallinhas e os patos passavam e repassavam por debaixo da porta, um quarto mobiliado estava para alugar, — uma vasta peça forrada de papel em que havia pintados assumptos militares. Esta decoraçào monotonica, mas que lhe trazia á ideia glorias passadas, seduziu sem duvida o capitão, porque, sem se inquietar do pouco conforto da mobilia, concluiu o seu negocio. Um quarto de hora bastou-lhe para despejar a mala, dependurar o fato, pôr a um canto as botas, e ornar a

parede com um trophéu composto de tres cachimbos, de um sabre e de um par de pistolas. Depois de uma visita ao merceiro de frente, onde comprou meio kilo de velas e uma garrafa de *rhum*, voltou, collocou o embrulho sobre o fogão, e passou em torno de si o olhar de um homem satisfeito. Depois, com a promptidão dos acampamentos, barbeou-se sem espelho, escovou a sobrecasaca, inclinou o chapéo para cima da orelha, e foi passear pela cidade em busca de um café.

II

Estar mettido no café era um habito inveterado no capitão. Satisfazia ali, de uma vez, os seus tres vícios: o tabaco, o absintho e as cartas. Foi onde se passou toda a sua vida, e poderia fazer, de todas as cidades onde esteve em guarnição, um plano exacto de todas as tabacarias, cafés e clubs militares. Só se sentia á vontade quando se sentava no velludo gasto dos bancos, diante de um panno verde, em frente de pilhas de pires e montanhas de copos. O charuto não lhe saberia bem, se não acendesse o phosphoro sob o marmore da mesa, e nunca deixara, depois de ter posto de lado a espada e o képi, e de ter desabotoado o capote, de soltar um profundo suspiro de alívio e exclamar:

— Isto assim vae muito melhor!

O seu primeiro cuidado foi, portanto, procurar o estabelecimento que havia de frequentar; e, depois de ter dado a volta á cidade sem nada encontrar que lhe agradasse, parou enfim o seu olhar de conhecedor sobre o café Prosper, situado no angulo da praça do Mercado e da rua da Parochia.

Não era bem o seu ideal. O exterior offerecia alguns detalhes demasiadamente provincianos. Mas o interior agradou ao capitão. Ficou alegre desde que entrou com o som da campainha que tocou a gorda e fresca dama do balcão, de vestido claro, com um laço de fitas nos cabelos bem empoanados.

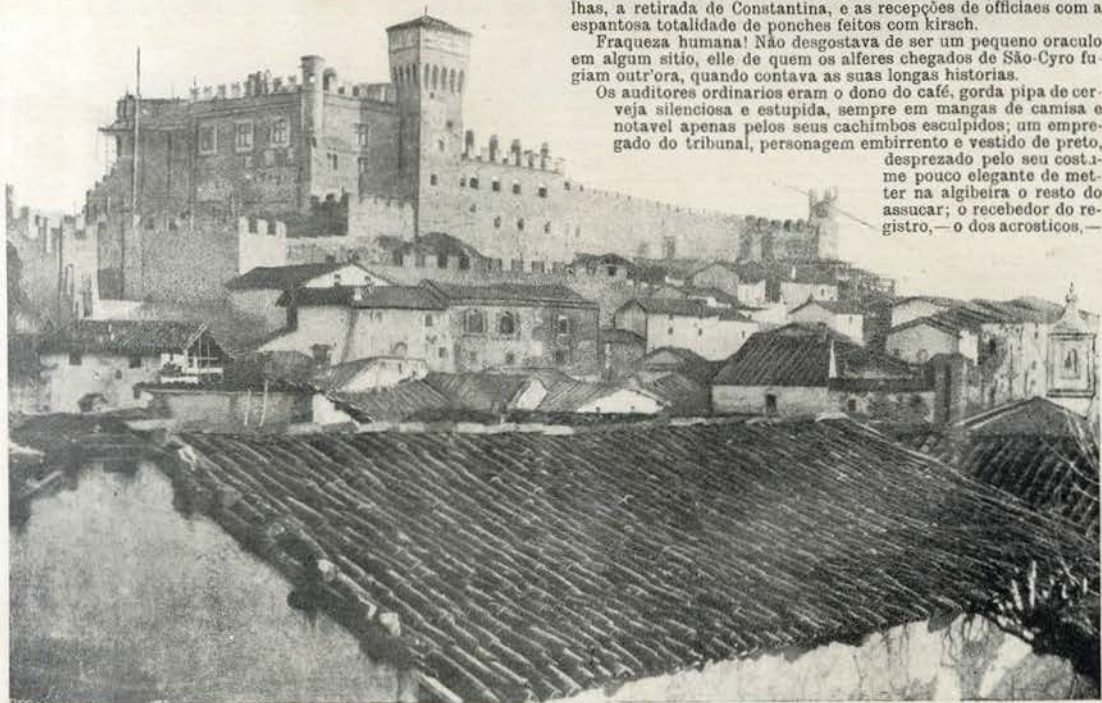
Fez um cumprimento galante á dama e viu que ella occupava, com bastante magestade, o seu logar triumphal entre os edificios de garrafas e de copos que lhe ficavam aos lados. Reparou que a sala era alegre, propria, igualmente semeada de areia amarella; percorreu-a, viu passar a sua imagem nos espelhos, analysou as pinturas, onde mosqueteiros e amazonas saboreavam *champagne* em paizagens cheias de rosas; fez-se servir, fumou, achou o divan fôfo e o absintho saboroso, e foi até indulgente porque não se queixou das moscas que tomavam banho nas bebidas com uma familiaridade propria do campo.

Oito dias depois era um dos alicerces do café Prosper.

Conheceram-lhe logo a pontualidade em todos os actos e habitos; adivinhavam-lhe os desejos e dentro de pouco tempo comia com os donos do estabelecimento. Achado precioso para os frequentadores, individuos aniquilados pelo terrivel aborrecimento da provincia para os quaes a chegada d'este novo freguez, mestre em todos os jogos e contando alegremente as suas guerras e os seus amores era cousa inestimavel. O capitão ficou tambem encantado por encontrar humanos ainda ignorantes do seu repertorio. Levou portanto seis mezes a contar as suas *razzias*, as caçadas, as batalhas, a retirada de Constantina, e as recepções de officiaes com a espantosa totalidade de ponches feitos com kirsch.

Fraqueza humana! Não desgostava de ser um pequeno oráculo em algum sitio, elle de quem os alferes chegados de São-Cyrol fugiam outr'ora, quando contava as suas longas historias.

Os auditores ordinarios eram o dono do café, gorda pipa de cerveja silenciosa e estúpida, sempre em mangas de camisa e notavel apenas pelos seus cachimbos esculpidos; um empregado do tribunal, personagem embebido e vestido de preto, desprezado pelo seu costume pouco elegante de metter na algibeira o resto do assucar; o recebedor do registro, — o dos acrosticos, —



Castello de Pavoni, perto de Turim (Piemonte)

criatura muito dóce e de uma fraca constituição, que mandava aos jornais ilustrados a solução de todas as charadas e enigmas; e enfim o veterinário do cantão, o único que, na sua qualidade de ateu e de democrata, se permitiu algumas vezes contradizer o capitão. Este praticou, homem de suíças assopradas e luneta, presidência á assembleia radical na época das eleições, e quando o abade fazia alguma colheita entre os seus devotos para adornar a igreja de alguma horrível estatua de gesso dourado e pintado, denunciava por meio de uma carta ao *Seculo* a cubice dos filhos de Loyola.

O capitão, tendo sahido uma noute para ir buscar charutos, depois de uma discussão politica bastante viva, o supracitado veterinário resmungou algumas phrases surdas e irritadas onde se tratava de "dizer o que sentia", de "fanfarrão de espada", e de "lhe partir a cara". Mas como o alvo d'estas vagas ameaças entrasse de repente, associando uma marcha e fazendo moinho com a bengala, o incidente não teve outras consequências.

Em summa, o grupo vivia em boa intelligencia e deixava-se presidir pelo novo freguez, cuja cabeça marcial e a barbeta branca eram na verdade bastante imponentes; e a cidade, que era já orgulhosa de possuir muita cousa, podia tambem selo-o do seu capitão reformado.

III

A felicidade completa não existe, e o capitão Mercadier, que julgava ter-a encontrado no café Prosper, teve que descer bem depressa d'esta doce illusão.

O facto é que na segunda-feira, dia do mercado, o café era insupportavel.

Desde a madrugada, era invadido pelos feirantes, pelos camponeses, pelos vendedores de aves — individuos de voz grossa, gordos peçoços vermelhos, grosso chicote na mão, de blusa nova e bonnet de lontra, batendo com o pé, dando murros, tratando por tu o criado, e rasgando o bilhar.

Quando o capitão chegou ás onze horas para absorver o primeiro absintho, achou toda esta gente já embriagada e encomendando almoços consideraveis. O seu lugar habitual estava tomado; serviam-no lentamente e mal; o patrão e o criado, de guardanapo no braço, corriam como doidos. Enfim, era um dia nefasto e que punha em desordem a sua existencia.

Ora, uma segunda-feira de manhã que elle se deixou ficar em casa, certo de que o café estaria cheio e tumultuoso, um doce raio de sol de outono decidiu-o descer e a sentar-se no banco de pedra collocado ao lado da porta da casa. Estava ali, bastante melancolico e fumando um charuto humido, quando viu vir do fim da rua, — era uma rua mal calçada e dando para o campo, — uma meia duzia de patos guardados por uma rapariguita de oito a dez annos.

O capitão, parando o seu olhar distraido sobre essa creança, viu que ella tinha uma perna de pau.

Nada havia de paternal n'este coração de velho tarimbeiro. Era o de um celibatário endurecido. Quando outr'ora, nas ruas de Alger, os pequenos mendigos arabes o perseguiram com as rézas importunas, o capitão varias vezes os dispersava com uma chicotada; e as raras vezes que penetrara no *menage* nomada de um camarada casado e pae de familia, saía sempre vociferando contra os petizes chorões e sujos, que tinham tocado com as mãos untadas nos doudos do seu uniforme.

Mas o espectáculo d'esta enfermidade particular, que lhe lembrava o doloroso espectáculo das feridas e das amputações, commoveu d'esta vez o velho soldado. Quasi que sentiu uma dor no coração diante d'esta pobre creatura, trazendo apenas sobre o corpo uma camisa e uma saia, e correndo vivamente atraz dos patos, o pé descalço na poeira, coxeando sobre o tóscico pedaço de madeira.

Os patos, reconhecendo o seu domicilio, entraram para o pateo, e a creança continuava a seguir-os, quando o capitão a fez parar com esta pergunta:

— Eh! rapariga, como te chamas?

— Pierrette, uma sua criada, — respondeu fixando n'elle os grandes olhos pretos, e afastando da testa os cabellos em desordem.

— Tu pertences á casa? Ainda te não tinha visto...

— Sim, senhor, e a prova é que o conheço perfeitamente! Durmo



ALGARVE — Rocha na Ponta da Piedade — Lagos

debaixo da escada, e o senhor acorda-me todas as noutes, quando entra.

— E' verdade? Pois bem, d'aqui por diante hei de andar nos bicos dos pés. E que idade tens?

— Nove annos, meu senhor, no dia de Todos os Santos.

— A patrão cá de casa é tua parenta?

— Não, meu senhor, estou ao seu serviço.

— E quanto ganhas?

— A sôpa e a cama debaixo da escada.

— E como é que arranjas isto?

— Foi um coice de uma vacca, quando tinha cinco annos.

— Tens ainda teu pae e tua mãe?

— A creança fez-se muito vermelha.

— Vim da casa dos Expostos, — disse com voz rapida.

Depois, tendo-o cumprimentado, entrou para casa coxeando, e o capitão ouviu afastar-se, no lagêdo do pateo, o ruído secco da perna de pau.

— Com mil raios! pensou o capitão tomando machinalmente o caminho do café, aqui está uma cousa que não é do regulamento. Um soldado, ao menos, atiram com elle para os Invalidos, com a prata da medalha para comprar tabaco. A um official dão-lhe uma pensão e casa-se na provincia. Mas a esta rapariguita uma tal enfermidade! Aqui está uma cousa que não é do regulamento!

Tendo analysado n'estes termos a injustiça do destino, o capitão chegava ao patamar do seu querido café, mas descobriu uma tal onda de blusas azues, ouviu um tal barulho de grossas gargalhadas e de carambolas, que voltou para casa, de mau humor.

O quarto — era a primeira vez que ali passava algumas horas durante o dia — pareceu-lhe sordido. As cortinas da cama tinham o tom de um cachimbo queimado, a chaminé estava cheia de pontas de charuto, e podia-se escrever o seu nome sobre a poeira que cobria os moveis.

Contemplou por algum tempo as paredes, os assumptos militares do papel, e depois, para matar o tempo, foi passar em revista o seu guarda-roupa. Era uma lamentavel série de algibeiras rötas, de meias rötadas, de camisas sem botões.

— Preciso de uma criada.

Depois, pensando na coxita:

— Está arrumado. Alugo o gabinete aqui ao lado, o inverno approximase, e a pequena deve gelar debaixo da escada. Olha pelo meu fato, pela roupa branca, escova o calçado... Um perfeito camarada!

Mas uma nuvem escureceu este quadro confortavel. O capitão lembrou-se de que o vencimento do seu trimestre ainda estava longe, e de que a sua conta tomava proporções assustadoras no café Prosper.

— Não sou bastante rico. E comtudo roubam-me no café, tenho a certeza. A pensão é muito cara e o maldito do veterinário joga como um damnado. Ha oito dias que eu pago todas as bebidas. Quem sabe? Talvez seja melhor encarregar a rapariga de me fazer a cosinha. Sopa de café pela manhã, cosido ao meio dia e algum guisado á noute. Viveres de campanha!

Decididamente, esta ideia tentava-o. Quando saiu, viu a dona da casa, gorda camponesa brutal e a rapariguita, de forçado na mão, a removerem o estrume do pateo.

— Ella sabe coser, ensaboar, fazer uma sôpa? perguntou bruscamente.

— Quem? Pierrette? E para quê?...

— Sabe ella fazer alguma d'estas cousas?



BRASIL — Ilha de Jurubahya — Rio de Janeiro

— Ora essa! Saiu ha pouco do hospicio, e lá ensinam-nas a fazer tudo.

— Dize cá, menina, — accrescentou o capitão dirigindo-se á creança — não te causo medo, pois não? E vocemecê quer m'a ceder? Preciso de uma criada.

— Se se encarrega de a sustentar...

— Então está decidido. Aqui estão vinte francos. Que ella tenha, esta tarde, uma saia e um sapato. Amanhã trataremos do resto. E depois de ter dado uma palmada na face de Pierrette, o capitão afastou-se, contente do que acabava de fazer.

— Será talvez preciso privar-me de alguns copos de cerveja e de alguns absinthos, e fugir á jogatina do veterinario. Mas não ha duvida, é muito mais regulamentar!

IV

— Capitão, o sr. é um ingrato!

Tal foi o apostrophe com que as cariatides do café Prosper saudaram de futuro as visitas do capitão, dia a dia mais raras.

Porque o pobre homem não tinha previsto todas as consequências da sua boa acção. A supressão do absintho matinal tinha chegado para cobrir as modestas despesas ao sustento de Pierrette; mas quantas reformas não eram ainda necessarias para acudir ás despesas imprevistas da sua vida de rapaz! Cheio de reconhecimento, a rapariga queria provar-lho pelo seu zelo. Já o quarto tinha mudado de aspecto. Os moveis estavam em ordem e burnidos, o fogão decente, os vidros limpos, e já se não viam teias de aranha pelos cantos. Quando o capitão entrava, a sôpa convidava-o pelo seu aroma desde o patamar da escada, e a vista dos pratos, fumando sobre a toalha grossa mas branca, junto de um vaso com flores e de um talher reluzindo, acabava de lhe abrir um optimo appetite. Pierrette aproveitava então o bom humor de seu amo para lhe confessar alguma ambição secreta. Eram precisos ferros na chaminé onde agora se fazia fogo, uma fôrma para os pasteis que ella sabia fazer tão bem. E o capitão, a quem os pedidos da creança faziam sorrir e que se sentia dominar docemente pelas voluptuosidades do *at home*, prometia não se esquecer, e no dia seguinte substituiria os seus *londres* por charutos de um soldo, hesitava diante da proposta de um *écarté*, ou recusava o terceiro copo de cerveja ou o segundo copo de *chartreuse*.

Certamente a lucta foi longa; foi mesmo cruel. Muitas vezes, á hora de um aperitivo prohibido pela economia, quando a sêde lhe seccava a garganta, o capitão fazia um esforço heroico para não chamar o criado do café; e muitas vezes fugia para não cair na tentação de uma partida. Mas quasi sempre entrava corajosamente para casa; e como amava ainda mais Pierrette a cada sacrificio que tinha de fazer, até a beijava melhor n'estes dias. Porque a beijava. Já não era a sua criada. Uma vez que ella estava de pé junto da meza, chamando-lhe: "Senhor", e toda cheia de respeito, não se pdeu conter, pegou-lhe pelas mãos e disse-lhe:

— Com mil raios! beija-me e depois assenta-te ao pé de mim e trata-me por tu!

Hoje tudo acabou. O encontro de uma creança salvou este homem de uma velhice vergonhosa. Substituiu os seus vicios por uma outra paixão; adora, esta doentinha que salta em volta d'elle no quarto commodo e bem mobilado.

Já ensinou a ler a Pierrette, e lembrando-se da sua calligraphia de sargento-mór traça-lhe lições de escripta. A sua maior alegria, é quando a creança, attenta diante do papel e fazendo ás vezes um borroão que limpa depressa com a lingua, chega a copiar todas as

letras de um interminavel adverbio em *mente*. O seu pezar é lembrar-se que está velho e que nada deixará á sua adoptiva.

Agora está quasi avarento; anda a fazer peculio; quer privar-se do tabaco, posto que Pierrette lhe encha o cachimbo e lho accenda. Conta fazer economias sobre a sua pensão e comprar mais tarde uma lojita. E' lá, quando elle morrer, que ella ha de viver obscura e tranquilla, guardando, dependurada na parede do quarto, uma velha cruz da Legião de honra que lhe ha de lembrar o capitão.

Todos os dias vae passear com ella para os arrabaldes. A's vezes passam ao lado d'elles individuos que olham com compaixão para este velho soldado e para esta pobre creança aleijada; e então sente-se commovido — oh! deliciosamente, até ás lagrimas, — quando algum d'estes desconhecidos murmura afastando-se:

— Pobre pae! A filha é portanto bem bonita!

FRANÇOIS COPPÉE.

O Intellecto puro visa á Verdade, o Gosto mostra-nos a Belleza, e o Senso moral ensina-nos o dever.

Quando um poeta quer attingir um fim moral, diminue a sua força poetica, e não é imprudente apostar que a sua obra ha de ser má.

O principio da poesia é, estritamente e simplesmente, a aspiração humana para uma belleza superior.

BAUDELAIRE.



O importante estabelecimento dos srs. Granado & C.^{as}, na rua 1.^o de Março, n.^o 12, no Rio de Janeiro é um dos primeiros no seu genero, tendo consumo em todos os mercados da Republica Brasileira.

Os seus productos mais conhecidos são:

O Licor Tibaina ou Salsaparrilha de Granado, Vinho Cordeal e Tonic, Vinho de Jurubeba, Quina, lodurado, Xarope de Rabano lodado, Phenol Sodico, Xarope Tribromureto, Pilulas anti-herpeticas, Elixir de Cascara Sagrada, Xarope de Ichtol, Elixir de Pepsina, Rob, Desobstruente Ferruginoso e sobretudo a sua agua Ingleza de Granado.

O laboratorio ou estabelecimento industrial montado com todos osapparehos modernos que serrem para a sua especialidade é na rua Visconde do Rio Branco, n.^o 27. Esta casa fundada em 1869 tem progredido constantemente. O «Brasil-Portugal» com a maior satisfação insere hoje a photographura do referido estabelecimento e felicita a firma Granado & C.^{as} pelos resultados obtidos ao cabo de largos annos de trabalho honesto e perseverante.

De Lisboa às Ilhas

III

A caminho das Sete Cidades — Nas cumieiras da serra
O valle das Furnas — As Caldeiras

A estrada dos Arrifes! E' para fazer esmorecer o mais intrepido dos intrepidos *touristes*. Ao cabo de uma hora de formidandos solavancos dentro de uma carriola empoeirada que rolava aos saltos sobre aquella especie de riacho em ondas, de subito solidificadas, cerrei os olhos. Deve de ser assim o caminho que leve ao inferno. Durou uma eternidade essa



SETE CIDADES — A lagôa Azul e a lagôa Verde — A' esquerda a aldeia, ao fundo as cumieiras

travessia na soberba machina em que tres estafados cavallos, de tirantes retezados, nos levaram Arrifes fóra — uma rua tortuosa, quasi um prolongamento da cidade de Ponta Delgada, ladeada de casarias negras, de portas negras, de tectos negros de colmo, povoada de creanças enegrecidas das soalheiras, e de muros altos, todos negros, de pedra sobreposta, ligada por cimentos negros que seriam extrahidos de algum *geyser* de lama quente. E a rua dos Arrifes seguiu ávante, subindo, interminavel, fechada por muralhas espessas como contrafortes moiriscos, sem uma aberta, uma nesga por onde se visse uma collina, um pé de couve, um valle. Quantas vezes amaldiçoei mestre Fouqué, o sabio que, com os seus olhos de naturalista, deu á ilha o nome aristocratico de *Rainha* do Archipelago Açoriano!

O cocheiro então explicou na sua pronuncia pittoresca, em *éus e ús* á franceza: que os muros altos vinham do tempo da grande riqueza das laranjas e serviam de abrigo ás ventanias e aos paladares finos dos larápios — que a cor negra era assim mesmo de nascença; — e que a cal estava pelas horas da morte. Convincente. E accrescentou:

— Lá emquanto ao caminhito tambem é assim mesmo. Atamancaram-o ahí á pressa para passar a *Senr.^a Rainha* e mais o *Snr. Rei*. E ficou assim mesmo. Foi uma combinação das auctoridades. Cá o açoriano é assim mesmo. Depois de passar uma rainha ninguem mais deve passar. Quebra-se o copo depois de uma *saúde!* E é assim mesmo...

Descerrei as palpebras e encarei o meu inseparavel amigo fumador do *Cazengo*. Elle rosou uma phrase triste a proposito de «falta de dinheiro e abundancia de desleixo», e estendeu o cachimbo propheticamente para baixo, para a retaguarda. Haviamos galgado um terço do caminho, cerca de oito kilometros. O sol de agosto descia no horizonte. Os muros tinham fugido para longe, e, para um e outro lado, abriam-se plainos risonhos, batidos em cheio pela luz, n'uma inclinação de corcovas arborizadas para o mar lizo e deserto, a cuja beira repousavam brancuras da cidade, e povoações, e estufas, pintadas, de ananazes, como pincladas de tinta nas verduras extremas. A Ponta da Galera lá estava, nitida no seu corte vertical, e para cima azulavam-se as montanhas do interior. Respirei e deixei de amaldiçoar o sabio. Decididamente a ilha era uma *Duqueza*, mas não mais. Desde então a estrada pareceu mais suave. De enlevado, afigurou-se-me deslizar sobre

as relvas macias das collinas, sobre os tapetes de urzes e hortensens que se entrelaçavam n'um tecido phantastico, desdobrado pelas encostas, pelas ravinas e penedos até ao fundo dos despeñadeiros. Bello panorama, mas nã. Por aquella enorme zona de vegetação rasteira apenas de longe em longe surdia um ou outro tufo cerrado de arvoredo.

Uma hora mais e a pujança de seiva da terra mostrou-nos deslumbramentos de vida vegetal — platanos, accacias, pinheiras extensos, esguias *cyptomelias*, pendurando-se pelos abysmos — e pelas encostas a pique o mais extraordinario manto de peluche verde, bordado a matiz, em que se confundiam, abraçados, fetos, musgos, *musgões* sanguineos, licopodios, a queirôga, o louro bravo. Subia-se, e, á proporção que o horizonte se rasgava para o sul, a natureza incançavel dava-nos surpresas novas e novos encantos. Positivamente o sabio quasi tinha razão: a ilha merecia tambem subir um furo na escala das dignidades fidalgas. A ilha merecia ser *Prinzeza*.

Sete da tarde...

Ficarão eternamente gravados na retina e na memoria os traços do tipo curioso d'esse soberbo panorama descortinado do alto das cumieiras da serra, que dominam todo o valle das Sete Cidades. Toda essa região encantada assombra Ha'n'esse conjunto selvatico e doce, dissolante e harmonico, pedaços de Traz-os-Montes, da Suissa, do Corcovado, do Bussaco, da Foya, conjugando-se, casando-se intimamente para nos darem um quadro unico, que o pincel amesquinhaaria, que a photographia não pode reproduzir, e que se apanha de subito, ao mesmo tempo, em globo, desde a vertigem da altura, de onde se abrange a vastidão do oceano e a profundidade dos abysmos avelludados de hervagens. Não se descreve, como se não descreve a sensação deixada por uns olhos quentes que hajam allumiado os nossos. A alma ajoelha-se e chegam pruritos de versos lyricos n'uma doçura de agua com assucar. Mas os alexandrinos e as redondilhas recuam e a pupilla dilata-se n'uma contemplação acariciadora. A carriola parou, o *tiro* estacou extatico, orelhas arrebitadas para a enorme mangoeira de arte natural, e o proprio cachimbo do meu tristonho amigo imitou as crateras do valle que ha seculos deixaram de expellir fumaradas.

Estavamos sobre um planalto, ao poente da ilha, 600 metros acima do nivel do mar, abaixo da Lomba da Cruz, com 2.777 pés de alto. De um lado o declive de mais corcovas achatadas que levam á

praia. No extremo poente o Pico de Mafra, todo redondo, perfilado ao occidente, como sentinella em continencia aos velhos navegadores, e dominando a aldeia dos Mosteiros. O sol descia a razar o horizonte, cercado de tintas soberbas. Do lado opposto o valle, 300 metros abaixo, metido, apertado n'um circulo de cristas de rochedos cobertos de verduras, hirtos, parecendo dar-se as mãos — titans mascarados, n'um baile de roda gigantesco, de 20 kilometros de circumferencia, cabeças postas nos neveiros e pés mergulhando em lagos de cristal. Sobre a enorme bacia debruçavam-se monstros de pedra, projectando sombras nos boqueiros escancarados dos dorsos quasi cortados a prumo, e remirando-se nas aguas dos dois lagos, que, em forma de um 8, occupam todo o fundo do valle alongado — o lago Azul e o lago Verde. E na margem do Azul, contornando-o n'um arco de circulo, a aldeia branca, ensombrada a espaços por manchas de arvoredo, com a sua egrejita de torre aguçada. O sabio estava na verdade. A ilha era, sem contestação, uma *Rainha*.

— Bello, hein! fez o meu homem. Foi aqui a residencia



Costumes de S. Miguel
A carapuça

d'essa grande montanha entrevista por Cabral no século xv, e que desapareceu espatifada por um vulcão que lhe nasceu no ventre. Todos esses colossos que fecham o covão são pedaços dos supports da montanha, que para ali ficaram a ver as entranhas da terra. Isso que ali está foi uma cratera, a maior do mundo, que ainda hoje faz empallidecer o Vesúvio, que apenas tem 100 metros de diâmetro.

— De onde vem esse nome de Sete Cidades?

— Ninguém o sabe. Mas sei eu. Com as convulsões de 1445, além d'esta cratera, fenderam-se mais seis, e tão grandes que o povo dizia poderem edificar-se dentro d'ellas 7 cidades. D'ahi o nome. Mais tarde as lavas foram-se e das fendas jorrou agua, formando-se as lagoas, que ainda existem povoadas de carpas, trutas e doiradas. São as 7 caldeiras: a lagoa *Azul*, a maior, ou *Cerrado das Freiras* e ligada a ella a *Verde* — a lagoa de *S. Thiago* — a lagoa do *Alferes* — o *Poco Negro* — a lagoa *Raza*, a mais elevada — e outra ainda, pequena. (E, com ares tristonhos, terminou, abraçando o espaço): Eis a verdade que os livros não dão, que o continente não conhece e que Deus ha-de destruir mais dia menos dia.

E eu, ainda no sonho do panorama entrevisto das alturas, n'um *eterno de alma*, cego, vi na estalagem um *Internacional*, a cuja porta a Florinda avultava como um respeitavel guarda-portão fardado. E com os olhos no portico e n'aquella castella enroupada em sedas, e o pensamento posto no sabio Fouqué, os meus labios murmuraram com a convicção de um crente: «Não ha que duvidar. E' mais do que *Rainha*: é uma *Imperatriz*!»

E a Florinda, lisonjeada, sorrindo entre os seus bellos dentes fugitivos, disse, inchando o seu esguio involucro:

— Oh! meu senhor! Muito obrigada!

*

Mutação. Panno acima. Com um ultimo adeus enternecido ás cumieiras da cordilheira que esconde, avara, a doce região dos lagos, resignei-me a voltar pelos Arrifes, de detestada memoria, para Pontá Delgada,



VALLE DAS FURNAS — Os banhos — As caldeiras — Os picos ao fundo

Eis o Paraizo que perderemos. Tudo que a Natureza produziu é grande. Mas as crateras hão-de reabrir-se e a lava correrá de novo. ...

Tapei-lhe a boca, e, enquanto a lava não chegava, mandei seguir, encostas abaixo, para a beira dos lagos. Por esse declive aspero, em zig-zagues tortuosos, á meia claridade do crepusculo, e assombreadas mais e mais pelos arvoredos que se cerravam, as coisas tinham aspectos phantásticos e avolumavam-se, como crescendo no ar á medida que diminuia o desnível. Durante 40 minutos deslisamos... aos trambolhões, entre bosques de platanos, amieiros, faias, fetos arboreos que subiam da sombra das ravinas, de cedros, de arbustos espessos, de toalhas verdes de inhames, de arvores desconhecidas envoltas em trepadeiras e espinheiros, e de altas renques de hortenses, debruando as beiras das escarpas. E as montanhas cresciam sempre, apertando-se pelos cimos, reduzindo o campo azul dos céus.

O meu *cicerone*, depois de longo silencio, a meia voz: «Tudo que a Natureza criou é grande. Tudo que o homem fez é mesquinho.» E apontava para a aldeia — tão graciosa vista de alto, tão misera e pobre vista de perto — por onde iam os trotes dos tres cavallos, os quaes cavallos, alliando-se n'um relinchar de fome, de subito estacaram ao *portão* doirado do HOTEL TRAYASSOS. «Misérias, sempre misérias! Ah! está essa reles estalagem que um Romeu romantico desdenharia n'um deserto, mesmo nos braços da mais delambida Julieta. E ali está a estalajadeira, a Florinda, uma gralha arrelhiadora, uma cratera de nova especie.»

onde me esperava o bom Correia, do *Acoriano*, de sorriso aberto, de braços abertos, e de hotel rasgadamente aberto á invasão de todos os juizes, de todos os *commis-royagers*, de todos os principes. Com que saudade me separi da tua bonhomia, Correia, da tua bondade e dos teus oculos de oiro, para correr ao encontro dos *geysers* das Furnas, que, no extremo opposto ás cumieiras, ao nascente, me attrahiam como os abysmos attraem os corpos! Uma estrada direita, pelo norte da ilha, á beira do mar, a meio caminho a Ribeira Grande, onde terá nascido um conde que muito prezo, mais adiante a Ribeirinha, logo acima a deliciosa *Villa Helena*, do engenheiro Annibal Cabido, e a *Villa Alegre*, hoje tão triste, de D. Joaquim da Camara, ambas dominando o mar, depois largas plantações de chá e de tabaco, revestindo plainos e encostas, e abysmos, e eis-nos, eu e o meu inseparavel homem, sobre as Pedras do Gallego, ponto culminante a cavalleiro das Furnas, já cantadas pelo eterno rapaz Bulhão Pato. Por estes altos amou, cantou e sonhou o poeta. Por elles me extasei, ruminando rimas que não acorreram nem occorreram, com os cinco sentidos atirados para dentro da minha coragem e para dentro das *caldeiras* que do fundo de um valle enorme lançavam columnas de vapores. Estava a dois passos, ou 3 kilometros, dos celebres *geysers* de agua a ferver, de potassa, de enxofre, de betume e de outras mixordias preparadas no caldeirão chimico da terra. O valle das Furnas, formando uma *elypse* torcida, é mais vasto do que o das Sete Cidades, mas menos bello. Falta a um o tom selvatico e doce do outro. E' um valle civilizado, que



O VALLE DAS FURNAS — As caldeiras — A Ribeira Quente

sabe calçar luvas, que tem jardins amaneirados e parques com lisuras de *gazon*, e rias varridas. As borbulhas de cerros que o povão enfeitam-se de milharas, pelas encostas dos cerros vão rareando as florestas, embora ainda vastas, e em vez dos lagos alegres do poente, apenas se enxerga uma nesga da enorme lagôa que demora em nível superior, na base do Pico de Ferro. Como nas *Cidades*, rodeia-o uma tripla muralha de montanhas, de onde se abrem largos panoramas. Oferecem bellos pontos de observação o Pico do Canário, o Pico do Gafanhoto, o Salto do Cavallo, e acima de todos o Pico da Vara, quasi sempre escondido nas nuvens, e que, do alto dos seus 1:180 metros, domina todos aquelles pigmeus prostrados aos seus pés, em degraus até ao grande oceano. A vista de tem-se, gostosa, n'aquelle oásis, mas os nervos não vibram. Abre-se um sorriso: não se sente um choque. Acaricia: não embriaga. Bebe-se às gotas: não se sorve de um trago.

E todavia o accidentado do valle, a Ribeira Quente em torcícollos, a variedade dos verdes dos parques, em que ha riquezas da flora de todo o mundo, os penachos de vapores das caldeiras, a aldeia toda irregular e alongada, cortada a espaços por grandes braços de ramarias, formam um conjunto artistico, inconfundível. Esse valle de 7 kilometros, fechado ao poente pela grande taça erguida da lagôa e no extremo opposto pela base espalmada da Serra do Trigo, é grandioso: não é tremendo. Tem a palavra o meu vivo compendio de sabedorias:

— O valle das Furnas existe desde seculos: moldaram-o e assim o deixaram, com todas as irregularidades que vê, successivas convulsões subterraneas. As montanhas desdobraram-se, fragmentaram-se por cima e só ficaram de pé, como nas *Cidades*, as paredes da panella, e lá em baixo umas valvulas de segurança. Curiosidades a ver: 1.º as solfataras e as nascentes minerais; 2.º os picos varios que por ahí estão espalhados a rir da pequenez dos homens; 3.º o Pico do *Assucareiro*...

— E' alto? E' grande?

— Grande como a samsaboria. Fica ali em baixo, á beirinha de um lago, coberto de mansenilheiras. No seu planalto fazem-se *pic-nics* de bordados, e adormece-se na contemplação do jogo do *arquinho* e dos silencias amorados. Tem 5 metros de alto. Em circulo a bancada para os *torres* de assucar sob o olhar vigilante das mães. Em volta, pelos taludes, as moscas zumbidoras, e alguns moscardos, estes com collarinhos espirituais. No meu tempo...

Entreabri um sorriso triste, e segredou: «Vamos mudar de caminho.

Aquelle recinto é sagrado. Quem tiver exame de instrução primaria não entra. Vamos para os altos onir os mellos sociaveis que não poim nas superficies chatas... Mas mudon de rumo e, travando-me do braço, arrastou-me, Gallegos abaixo, para as Caldeiras. E disse, aquecido e esquecido:

— Ha espalhados pelo globo *geysers* como estes. Mais notaveis os da Islandia. Sobrevivem aos vulcões que a acção do tempo fecho, ás vezes para sempre, e expellem coizas a ferver. Estamos sobre um terreno calcinado, crivado de furos, canaes, fendas, cavernas e saem por elles vapores de enxofre, e agua, e lama, e roncões roncões. Todo este promontorio escalvado arde por dentro e arde por fóra. Apalpe. Escalda. Esta é a caldeira do Asmodéo, a resonar sempre. Aquella, ali no fundo d'esse fosso luzidio, é a do Pero Botelho, uma porta aberta para o inferno, de onde vêm, ha seculos, estes arrancos de *ictyosaurio*, enraivecido por não poder escavar a crosta da terra, e este habujar de polme viscoso, que suja como a calumnia. Chegue-se e cheire estas emanções sadias, cure-se com estas inalações, que o seu governo não quer levar para os Banhos que deixou incompletos. E não tenha medo (medo?!), que tremores de terras já não ha. Esta terra já não treme. Aqui só tremem os cobardes!

E eu cheirci o balsamo do buraco que mugia devastadoramente, arripiando tympanos e epidermes, curvei-me arrogante sobre o fogareiro, lancei um olhar de desprezo ás ferveiras dos *geysers* inferiores, voltei costas á Fonte Azeda, ás fontes quentes e ás fontes frias, esborrachei a tação um barranco fumegante, e disse, n'um entono que valia uma commenda, e que me fez trepar na estina do temeroso cachimbo:

— E se nós fossemos jantar?

E fomos. E não mais voltámos aos caldeiros attraentes, nem sei porquê. Embededei o meu homem, e assim docil, mettendo-lhe o braço, levei-o a errar pelas montanhas, contando-lhe coizas sentimentaes, berrando contra a incuria dos patricios, pedindo caminhos de ferro de casal em casal, automoveis, elevadores, hoteis sumptuosos, burros ajaezados a pellica, *chalets* nas encostas, circos de cavallinhos, tropa com musica. E elle



NAS FURNAS — O parque do Sr. Marquez da Praia — O lago

ia, sonhando, extasiado, esquecido dos *geysers* e preso da minha eloquencia, ao meu lado, pela Lagôa silenciosa, pelas sombras do parque José do Canto, pela serenidade do parque Marquez da Praia...

E dez dias depois despedimos-nos do Eden, elle triste, eu encantado, e enfiámos pela estrada do Sul como um furacão, galgámos o Pico do Calvo, descemos para a Ponta Garça, furámos a gentil Villa Franca, e



PONTA DELGADA — Campo de S. Francisco. — O hospital

marginando por cima o mar pacato, entrámos, entre nuvens de poeira, na terra da promessa — a hospitaleira e heroica Ponta Delgada que me deu uma noite de um sonho, sem sonhos de fofalhas espirra-canivetes.

Seguimos para a Terceira.

LORDÓ TAVARES.

O peccado da Gracinda

(A Leoncio Correia)

Por fim, em Travassos, ninguém mais se admirava de ver e ouvir a sra. Philomena do Catunda a blasfemar, n'uma voz tibia e quebrada, para as passivas gelosias da velha Thereza dos Remedios. Porque a sra. Philomena, todas as vezes que palmilhava por lá, era sempre a mesma cratera hiulca de esconjuros: esconjurava... esconjurava ás estopinhas, arremessando, furiosa, dedos em nós, os braços seccos: «Tarrenego! Apaga! bruxa dos demonios!»; e depois, vindo que do aprisco feiteiro ninguém surgia para responder á amabilidade, n'um marche-marche estrondoso com sócos taxados, lá se sumia, quella acima, o seu vulto rapado, um pouco curvo, todo coberto por um negro de sombra. Ingreme, tortuosa, passo a passo com buracos fundos d'aguas temporaes, a quella d'Agonia, — como todos a conheciam por via de certa lenda cujo protagonista (uma linda rapariga da Maia) ahi fóra arrastada muitas vezes, até ao cabo agonisar, morrer, em epochas pristinas, — começava cá fóra, pelas alturas da casa da Thereza dos Remedios, e, longa, acabando apenas no seio da povoação, rojava-se por entre muros decadentes, cheios de rombos, sustentados, heroicamente, por mil braços d'hera, tenazes. E todavia, a sra. Philomena não tardava a vencel-a, e tambem um terço, que, arrependida, desfiava no seu roza-rio bento, para que Nossa Senhora lhe perdoasse as fúrias d'ha pouco — reza que aliás a fazia serenar demasiado, a ponto de consideral-a «refrigerio celeste». Mas assim que a voz da sobrinha se fazia ouvir em sentido magoado e cariciador: «Minha rica tia!... Dá-me um beijo, dá?», ella se desassocejava acudindo-lhe ao pensamento a fanada, a extinta belleza da Gracinda: «Pobre d'ella!... Quem na viu e quem na vê... Onde está aquelle brilho d'estrellas, dos seus olhos? aquella cor e rijeza de cerejas bicas, da sua cara? aquella desenvoltura de levandisca, do seu corpo? ... Tudo por terra, que pobrinha! como o viço d'oiro do trigo ao receber pela raiz o corte dos segadores!... A culpada... foi ella, foi, aquelle enxalmo da Desgraça, que, com mil endrôminas, lhe segou todos os encantos do corpo!» E, logo, o enxerto da praga rebentava no pé d'essa lembrança: «Misera! as linguas de fogo do Purgatorio te martyrisem por seculos e seculos!» Mas, que provas tinha a sra. Philomena, consoante toda a gente perguntava, accessa a sua curiosidade pelo morrião do mysterio, para culpar a dos Remedios pelo deirramento das bellezas corporaes da orphã Gracinda das Dores, e para, d'este geito, lhe aticar tanta ira e as linguas de fogo eternas? Ella não era bruxa, nem parecenas d'isso tinha... Alguem a viu a temperar tramas ou a provar das vigílias noctambuladas dos mochos e das corujas de pios enaguados, olhares de jettatore? Alguem a viu apparecer, por essas horas soturnas da noite tempestuosa, na necropolis ou no adro da igreja, candeia oscillante na mão, vestes brancas, branca de neve? ... Ninguém. Então, onde estavam as provas? Sejamos justos, sacerdotes immaculados da densa Verdade. A

sra. Philomena era uma mortal do cen, carinhosa mãe dos pobrinhos, escassa, até então, de más palavras para com o geral das almas, inimiga ardente de falar mal, injuriar com cólera ou mansidão qualquer pessoa. Mas agora, isto de arrenegar a decrepita Thereza, — cruzes!, de a apontar como culpada uma pelos debruns violaceos sob os olhos da Gracinda, pelo seu rosto amarellecido, de pontos róseos completamente apagados, pela sua fraqueza nas pernas, pelo seu fastio de rolinha farta, fastio que lhe dava, porém, para só querer atolar os dentes em pão leve e camoezas raras... — verdade, verdade, a sra. Philomena era uma malquerente, uma vera peccadora, que não merecia a benção pastoral ou a alva hostia que diluia, com satisfação de magnifica crente, de semana em semana. Não era a encarquilhada Thereza uma excellente creatura, escoreita de maleficios, angelical, toda um sacrificio pelo bem ao proximo, — na grandeza da palavra — um ente dos remedios? Não dava ella panacea a todo o corpo doente que, aos bórdos pela quella impia, ia bater á sua douta botica, instalada por amor das dores da terra, pelas quaes ella passara como martyr abnegada, e aprendera a bom aprender? E n'este caso, a magnanima Thereza não curava o chaguento do coração, o rouquenho, que ficava após mil desgarradas na romaria com cachopas

de peitos fortes e vozes, que nem as sopranos italianas abafam, a rapariga com pressurosos tics-tacs, por dentro, pelo conversado que, sem dizer «agua vae», a deixára como a uma perdida, a que tem enjão, assim que se levanta da cama?

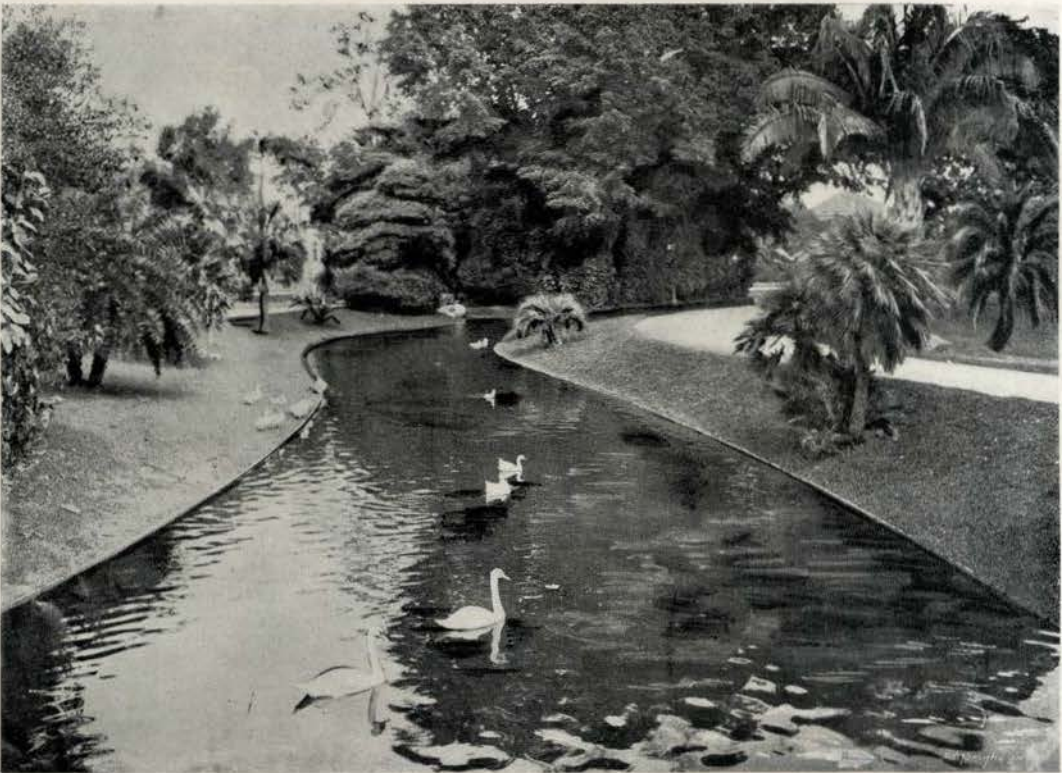
E tantos outros, e tantas outras... Portanto, a sra. Philomena deveria procurar outro alvo para descarregar as suas queixas — e não este, verdadeiro delubro da Bondade, onde a aldeia em peso podia ir orar, sem pejo e más intenções, para poder grangear um elixir para a alma e um balsamo para as chagas. E' certo, no entanto, que Gracinda ia amiúdo á quella, sempre de consulta ferrada, para trazer o seu remedio de effeito vindouro (a velha Thereza, n'aquella sua vizinha de violino no smorzar, dizia-lhe todas as vezes: «Toma tempo, menina, sómente tempo...»); mas isto só depois que se topou «com certo mau-estar...» Agora a tia não demorou a se convencer de que os seus odios á pseudo-bruxa eram peccados mortaes improprios, como a negação do Paraizo, da boca castissima de qualquer rebento do tronco genealogico dos Catundas. Uma noite d'inverno, em que, como todo o solo, os telhados sentiam o peso das Neves, tal se fosse o dos marmores, e quando todas as da casa (em que, graças á Virgem, não havia o grosseiro homem) e a rechonchuda Joanna da Paixão, amiga das boas, estavam a fazer serão á beira da lareira, vindo á baila da conversa o atilho das historietas e rímanes priscos, Gra-



Visconde d'Alte

Ministro plenipotenciario de Portugal em Washington
(Estados Unidos da America)

Tendo o «Brasil-Portugal» dado, a proposito da visita da esquadra americana ao Tejo, além de outras gracuras o retrato do representante diplomatico d'aquella nação em Lisboa, Mr. Charles Bryan, mal pareceria que não desse tambem o retrato do illustre diplomata, nosso compatriota, que representa o governo portuguez junto do governo dos Estados Unidos. O sr. Visconde d'Alte, José de Souza Horta Machado da França, é um rapaz ainda muito novo, mas que na carreira diplomatica a que se dedicou, tem já uma grossa somma de serviços importantes feitos ao seu país, quer como diplomata acreditado lá fóra, quer como empregado na secretaria dos estrangeiros, cargo que exerceu durante algum tempo zeloso e intelligentemente.



RIO DE JANEIRO — Jardim da Praça da Republica

Damós hoje varios aspectos dos magníficos jardins da Praça da Republica no Rio de Janeiro, onde está installada a Directoria das Matas do Brasil, que tão grande parte tomou na organização da batalha de flores, a que se referiu todo o nosso ultimo numero

cinda, ao final de todas chalarrem a sua lenda, foi sacudida, entre caricias, pela tia, para dizer também a sua:

— Conta, meu amor, conta, por exemplo... a historia da Princeza cõr de cãra, meiga, suave como arminhos, que uma vez foi encontrada dentro d'um trigal cerrado, debulhada em lagrimas, por mór de ter perdido o seu dote p'ra sempre, fugindo — que desgraçadilha! — com um trunfo de reles picuinhas, que, apossado da sua riqueza corporal, a abandonára miseravelmente, n'uma correria p'ra terras ao longe das lanças do pae... Não foi o sr. Armandinho, ha mezes, que a contou aqui com admiração de todas nós, e que ao depois t'a disse por varias vezes, até a ficarem conhecendo de fio a pavio?

Gracinda choramingou um pouco ao mando da tia; todavia, como se falara do sr. Armandinho, tão grato ao seu coração, e que tão lindas coisas lhe ensinara — embora lhe houvesse ensinado também a conhecer a tristeza, a dôr, infelizmente! — ella foi desdobrando a lenda com propriedade e riqueza, impregnando-a, porém, de uma magua serena, resignada, de um sentimento seu, singelo e bom. E ao findar, n'um santiamen, os seus olbitos encheram-se de lagrimas, e um longo ai passou-lhe pelos labios desbotados. Oh! sem duvida, que assim lhe havia de acontecer... Pois não era tão dolorosa a lenda, tão irmã aquella desgraça da que ella, pobre orphã, ia atravessando?

O sr. Armandinho chegára, formoso de corpo e palavras. A recordação do passado, de se haverem creado juntos, a brincar, aproximáram-se logo. Aproximaram-se... aproximaram-se... e no resto saiam ambos, a sós, quando ella ia levar os bois á tapada ou fazer qualquer serviço desviado. Então veio um dia — um dia lindo, rico de sol, farto de cantos — em que o sr. Armandinho, encontrando-a á saída de casa, disse-lhe assim: «Queres tu ir, agora, a uma tóca, Gracinda, que está cheia de coelhinhos?» e ella, quasi sem saber o que dizia, de tão atrapalhada que ficou com aquella pergunta de creança, respondeu-lhe: «Vou...» o sr. Armandinho quer...

E d'aí a pouco entravam n'um grande milheiral. Depois... ella sentiu os beijos d'elle... depois... pareceu-lhe «que elle lhe dizia que ia ali adiante e voltava já...» Esperou, esperou muito... Mas não tardou muito que o coração lhe não dissesse: «Elle não torna...», e então poz-se a chorar, a chorar no meio do milheiral.

Gracinda lembrava-se assim, ao contar o caso da Princeza, daquillo que lhe dera a magua; e, de repente, em extasis, a um pulsar forte do coração parecera-lhe que uma figura negra, informe, e sem olhos, se lhe agarrára á alma encolhidinha, e, que, inexoravelmente, lh'a mordia, lh'a dilacerava, — e a alma sempre em sorrisos, a soffrer com humildade... Entretanto, as ovinhas, frias como calhaus de gelo, vendo-a immovel, lacrimosa, acharam-na tolinha de todo, sem um dente de siso; e a tia, então, embora amasse muito a sobrinha, não se viu com forças para des-

toar do côro; e, olhos interrogativos, palavra aspera, fervilhante — até ali, para com ella, sempre doce, tépida:

«— O rapariga! que lagrimas são essas? Isto então é lá caso de choro?! E o ai! que tal foi... todo moído, todo derretido... Bem! já sei que tens culpa — e muito grande, oh se é! — e que a tua alma se vê mortificada.» E, largando a dobradoira, como sentença final: «Agora tu escapas a umas perguntasinhas, porque está aqui pessoa de fóra. Porém amanhã, depois dos bons dias, tens de me ouvir. E, já p'ra cama, sua sonsa!»

Gracinda estava toda virada para o seu grande monstro, nem reparára na aspereza da tia; e deste modo o seu corpo varou, machinalmente, a escuridão da sala proxima.

— «Toma a luz, rapariga!» Mas ella não se tornou e foi indo, ás apalpadellas, até ao quarto. Hesitantes, febris, as suas mãos tocaram logo a gelidez dos lençõs de linho grosso. Estes nem se ergueram, nem se amarfanharam durante toda a noite; porque Gracinda, mal topon a cama, atirou-se vestida sobre elles, como uma barra, — pesada, bruta, faces para o azul. Estava n'um torpôr dilacerante: delle passou para o somno; deste para o sonho. E então começou a vêr, sob uma abobada escura e sangüinea, ameaçadora de castigos perennes, um milheiral intermimo, cujas espigas, disformes, em pés estiolados e agachadinhos, lançavam de vez em quando delgadas fitas igneas. De repente, porém, Gracinda vê que as espigas se transformam em fumarões desmedidos e que a aboboda despeja pragas e coriscos.

Passada de horror, lacerada as vestes, e tenta fugir; entremettes mãos gigantes a seguram e, d'um lança brusco, a atiram áquelle inferno aberto. O fogo já a lambe implacavelmente, a sua carne principia a chiar como filhós em sertã aquecida; e grita, então, e se contorce no supplicio atroz, emquanto lagrimas de sangue estuante lhe gotejam as faces e o piso que percorre sem querer. Nisto apparece-lhe o monstro do serão. E o monstro diz-lhe assim:

— «En, desterrado perpetuo do Emyreo, sou o Castigo. Comigo, tu, amaldiçoada pelo Senhor, és no Inferno. Charonte, o bom barqueiro, de parceria com Morpheu, já te conduziram a elle. Olha-o, — é este campo infundo, a sobrepujar de fructos satanicos, que são pyras, depois que o pisaste, tregeitando para a Lascivia, com o fidalguinho, e abandonaste a ordem da Innocencia, que te havia dado o Creador... Por enquanto, oh perdida, tu não experimentaste senão as caricias das chammas. Mas logo terás as outras. Depois, o guloso, ajuizado Cerbero, — se te achares já cansada de tanta bemaventurança, e a quizeres deixar — te levará, d'um trago, ao seu estomago voraz, d'oceano... Para elle, misera, tu não terás, como Orpheu, lyra para desferir, nem favos de mel, como Eneas, para o commover e engodiar...»

Gracinda acordou de subito, fria, desmemoriada.



RIO DE JANEIRO — Jardim da Praça da República — A cascata e o escriptorio da Directoria de Mattas



RIO DE JANEIRO — Outro aspecto do Jardim da Praça da República



RIO DE JANEIRO — Um grupo de cyclistas no jardim da Praça da Republica



RIO DE JANEIRO — Um lago no jardim da Praça da Republica

Sentou-se na cama e, meio aturdida, interrogou-se:

«Eu sonhei... mas não sei o que...!»

Comtudo lembrou-se, sem a reflexão, de que, na esfolhada da Porta, notára que as suas antigas amigas, raparigas solteiras e casadas, lhe fugiam á uma, risos escarninhos estalando, quando se aproximava d'ellas, reduzindo-a deste modo a sphinge ou simples comparsa nas cantigas que elevavam com folgança ruidosa, ao luar ridente, em face das estrellas meigas, puras...

— «Sra. Philomena, sra. Philomena!... O que é que vocemecê faz a estas horas frias da manhã por esta inclemente quelha? — «Vou a casa da Thereza dos Remedios.»

— «Está a mangar?» — «Não, amiga, não.» — «Então aquellas pragas... aquelles martyrios que lhe desejava...»

— «Tudo isso acabou. Agora, sra. Joanna, só ha em mim supplicas p'ra que ella — uma santa pessoa, afinal... — me perdõe todas as coleras

e raivas que lhe atirei e desejei.» A rotunda Joanna, varadissima, o lume da ancia no carão piégas, nervos retesados, pôe-se a explodir de novo:

— «Mas que foi, que foi que se deu?! Trata-se da menina Gracinda?» A sra. Philomena do Catunda então adianta, confrangida, n'um todo d'empurrões: «Trata. Ha pedaço, depois que ella se encommendou ao Santissimo, apertei-a sobre o ai! derretido, escandaloso, d'hontem. E então descobri que... ella, sra. Joanna da Paixão. — olhe os meus peccados! — perdeu-se com aquelle fidalgo, aquelle belemn, o Armandinho — lembra-se? que esteve cá pelas cerejas!... D'aí a tristeza... a cara de cera... o tal ai!... Uma desgraça, um peccado mortal! Ah, como são excommungados os homens, esses p'rrros de má casta! . Bem fiz eu que nunca os aturei, que nunca consenti que mãos de nenhum tocassem n'este corpo. . (aqui a sra. Philomena bate com galhardia no peito murcho) que a terra ha-de tragar puro, candido como o lyrio de S. José!»

Rio de Janeiro.

COSTA MACEDO.



!Espartilhos modernos



BRASIL-PORTUGAL

Composição e Impressão

Texto e capa: Companhia Nacional Editora
Largo do Conde Barão, 50Páginas suplementares: Oll. Estevão Nunes & F.^{as}
Rua d'Assumpção, 15 e 24

REVISTA QUINZENAL ILLUSTRADA

Directores

Augusto de Castilho, Jayme Victor, Lorjô Tavares

Secretario da redacção — João Costa

Editor — Luiz Antonio Sanchez

Redacção e administração — C. do Sacramento, 14, 3.º

End. telegraphico — BRATUGAL — LISBOA

ASSIGNATURAS

ESTADOS UNIDOS DO BRASIL			PORTUGAL, ILHAS, E AFRICA			ESTRANGEIRO		
Anno.....	Moeda brasileira.....	36\$000	Anno.....	5\$400		Anno.....	7\$400	
Numero avulso	2\$000		6 mezes.....	2\$000		6 mezes.....	4\$000	
			3 mezes.....	1\$500		Numero avulso.....	3\$400	
			Numero avulso.....	5\$00				

SUMMARIO

TEXTO

Politica Internacional — CONSIGLIERI PEDROSO.

Canhoneira PATRIA.

Celeste — versos — EÇA D'ALMEIDA.

Alfredo de Andrade

Os vícios do capitão — FRANÇOIS COPPÉE.

De Lisboa às Ilhas — LORJÔ TAVARES.

O peccado da Gracinda — COSTA MACEDO.

GRAVURAS

RAINHA MARGARIDA DE ITALIA.

A CANHONHEIRA PATRIA (varias gravuras).

ALFREDO DE ANDRADE. — Villa de Andrade, Via

Pico della Mirandola, Florença, Castello do

Paomi, perto de Turim, (Piemonte).

ALGARVE. — Rocha da Ponta da Piedade — Lagos.

BRASIL. — Ilha de Jurubahy — Rio de Janeiro.

Fachada da casa Granada & C.º.

DE LISBOA ÀS ILHAS. — Varias Gravuras.

VISCONDE D'ALTE.

JARDIM DA PRAÇA DA REPUBLICA. — (Varias gravuras).

O ESPARTILHO MODERNO — Caricaturas de Loz.

OS NOSSOS CORRESPONDENTES

No Estrangeiro

PARIS — Xavier de Cervalho, Boulevard Clichy, 15.

Na India

NOVA GOA — Antonio M. da Cunha — Casa Luso
Francosa — Rua Affonso de Albuquerque.

No Brasil

RIO DE JANEIRO — (Agencia Central dos Estados
do Sul. Coronel Theodoro Fapo de Moraes e José
Martins Pollo, Rua da Alfandega, 4, sobrado.PERNAMBUCO — A. Leopoldo da Silveira. — Rua Pri-
meiro de Março 14.PELOFAS, PORTO ALEGRE e RIO GRANDE DO SUL
— Pintos & C.º — (Livreria Americana).PARA — J. B. dos Santos — (Livreria Classica) — Rua
João Alfredo, 39.MANAOS — Jayme de Camara — Livreria
Classica — Rua Guilherme Moreira.MARANHÃO — Roberto Majoli Caix de
Correio n.º 4.BAHIA — José Luis da Fonseca Maga-
lhães (Livreria Magalhães) — Rua Direita do Pa-
cio, 28.VICTORIA — Estado do Espírito Santo —
Guimaraes & Coelho — R. da Alfandega, 15.

S. PAULO — Abreu, Irmãos & C.º.

SANTOS — Zepherino Lourenço Martins, vice-
consul de Portugal.AMPARO — Dr. João Guedes, Rua do Capitão
Miranda, 8.RIBEIRÃO PRETO — A. Vianna Pinto de Sousa,
vice-consul de Portugal.RIO SOLIMÕES — J. C. Mesquita (casa Andre-
sen) — Manaus.

Em Africa

MOÇAMBIQUE — Diego de Faria.

BEIRA — Antonio Francisco Ribeiro.

MOSSAMÉDES — Joaquim Teixeira — o An-
sumção.

QUELIMANE — Henrique Jorge de A. Neves.

HENGUELLA — Math. us. - "avares.

LOURENÇO MÁRQUE — D. Boro. do Heitor da
Silveira de Lorena.

R. THOME — L. A. B. Alves Mendes

No Continente

PORTO. — Joaquim Caldas e Brito, Rua Pinto Bessa,
408.

PONTE DE LIMA — Gama, Amaral & Com.º.

ELVAS — João Antonio dos Santos Sobrinho.

ALCOBAÇA — José Narciso da Costa.

Nas Ilhas

FAYAL (HORTA) — Manuel Emygídio Gonçalves.

MADEIRA — H. Vieira de Castro, director do Banco de
Portugal.

S. MIGUEL — José Claudio de Sousa.

TERCEIRA (Angra do Heroísmo) — Manuel Eusebio de
Sousa — Rua da Sé, 62-64.GRACIOSA (Santa Cruz) — Francisco Mendonça Pacheco
e Mello.

S. JORGE (Calheta) — Augusto Azevedo Ferreira da Cunha.

ATELIER DE ALFAYATE



ANTONIO DO COUTO

Premiado na Exposição
Universal de Paris de 1900MAGNIFICO SORTIMENTO DE FAZENDAS
NACIONAES E ESTRANGEIRAS

Rua do Alecrim, 111, 1.º — LISBOA

Armazem de fazendas e fato feito, por atacado e a retalho

FORNECEDORES DA CASA REAL

ESPECIALIDADE D'UNIFORMES

J. NUNES CORRÊA & C.º

Rua do Ouro, 40, 42 e 44: Rua de S. Julião, 120, 152, 154 e 156 — LISBOA

Prestam-se com a maior brevidade qualquer fornecimento e encomendas para exportação. — Atelier mechanico para confecção de uniformes. Garante-se em todas as
recomendas a boa qualidade, perfeição e modicidade de preços.Proveem os preciosos vinhos
de Adriano Ramos Pinto

CAMISARIA DA MODA

DE

Felix de Mello & Com.^{ta}

Rua de Santo Antonio, 66

PORTO

Completo sortimento de roupas brancas
para homem e senhora.
Especialidade em gravataria.
Enxovaes para casamento.

JOSÉ CLAUDIO DE SOUZA

Agencia da TINTURARIA CAMBOURNAC, de Lisboa

E DA

MANUFACTURE FRANÇAISE D'ARMES DE SAINT ÉTIENNE

Estabelecimento de quinquilharias

VENDA A RETALHO E POR ATACADO

Agencia da REVISTA ILUSTRADA

BRASIL-PORTUGAL

Encarrega-se de tomar assignaturas para todas as publicações nacionaes e estrangeiras.

Rua Nova da Matriz, 7 e 9

Ilha de S. Miguel (Açores)

PONTA DELGADA

Deposito Sanguinhal
Vinhos tintos e brancosDO
SANGUINHALOs melhores vinhos de meza
VINHOS

Porto e Madeira

Cognac,
Champagne,
Licores, etc.

129 — RUA DO ALECRIM — 131

Telephone N. 137°

Empresa Nacional de Navegação

Itinerario das carreiras para a Costa
occidental e oriental d'AfricaSAHIDAS — Dia 6: Para Madeira
S. Vicente, S. Thiago, Principe, S.
Thomé, Cabinda, Ambriz, Loanda
Novo Redondo, Benguela e Mossa
medes.Dia 12: S. Thomé, Loanda, Lou-
renço Marques, Beira e Moçambique.Dia 21: S. Thiago, Principe, S.
Thomé, Cabinda, Santo Antonio do
Zaire, Ambrizette, Ambriz, Loan-
da, Novo Redondo, Benguela, e
Mossamedes.Para carga e passagens trata-se
no escriptorio da Empresa, Rua da
Prata, 8, 1.º

LA UNION Y EL FENIX ESPAÑOL

Capital social 2.400.000.000 réis

18.000.000.000

De alizinha paga desde 1884 até 1895

PREMIOS E RESERVAS 5.333.300.000

Seguros contra incendio, explosão

de gas ou relâmpago

Equateur Atlantique & Union Maritime

Compagnia francesa contra os riscos maritimos

e titulos de transportes de qualquer natureza.

Directores — Lima Mayer & Filhos

LISBOA — Rua da Prata, 59 2.º

ALFAYATERIA "CONFIANÇA"

R. dos Panqueiros, 101, 1.º

JAYME PIRES & COM.^{ta}Fazendas nacionaes e estrangeiras.
Confecções para homens, senho-
ras e creanças. Pardamentos mi-
litares e todos os uniformes.

Preços resumidos

Fatos completos pretos, azues e em
cores, de

65000 a 200000

Ditos de fazendas estrangeiras, de

10000 a 25000

Kasothido sortimento em sobretudos.

Dobles-capas e varinos d'avela.

Capas e hespanhoia, fabrico espe-
cial da nossa casa, de

25000 a 25000

VINHOS

VILLAR D'ALLEN

CHAMPAGNE

VINHOS DE PASTO

Da Real Companhia Vinicola do Norte de Portugal

GERENTE: JOAQUIM JOSÉ GONÇALVES & C.^a

* Rua 1.º de Marco, 59 — RIO DE JANEIRO

Compagnie des Messageries Maritimes
Paquebots poste français
Linha TransatlanticaPara Dakar, Pernambuco, Bahia,
Rio de Janeiro, Santos, Montevideo
e Buenos-AyresOs passageiros de 3.ª classe po-
dem dirigir-se a OREY ANTUNES
& C.^a — 1, Praça dos Remo-
lhaes.Para passagens, carga e todas as
informações trata-se na Agencia da
Companhia — 37, Rua Aurea.

Os agentes, SOCIEDADE TORLADOS

Companhia Trasatlantica de Barcelona



LINHA DE FILIPINAS

Sahidas de Lisboa de 4 em 4 semanas, com serviço de mercadorias e
passageiros para Port-Said, Adem, Colombo, Batavia, Bombaim, Bussure,
Calcuttá, Kiogo, Hong-Kong-Kurrachea, Manilla, Saigou, Shanghai, Si-
dney, Singapore, Suez, Iokohama e outros portos de Asia e Oceania. —
Passageiros para Macau.Serviço de mercadorias e passageiros de Liverpool para Lisboa.
Passageiros para Cadiz, Cartagena, Valencia e Barcelona, e com trans-
borda em Cadiz para Tanger, Gibraltar, as Antilhas (Cuba e Porto-Rico),
Veracruz, New-Iork, Montevideo e Buenos Ayres.

Para carga e passagens trata-se com

Os agentes,

Henry Burnay & C.^a

LISBOA — Rua dos Panqueiros, 10, 1.º

MALA REAL INGLEZA

ROYAL MAIL

STEAM PACKET COMPANY

Viagens quinzenaes

PARA O

BRASIL E RIO DA PRATA

Pelos magnificos vapores
d'esta antiga Companhia* Prestam-se todas as informações
na rua d'El-Rei, 31.

OS AGENTES

JAMES RAWES & C.^a

A BRASILEIRA GASPAR PACHECO & C.^a



PREÇOS SEM COMPETENCIA — IMPORTAÇÃO DIRECTA

Exposições permanentes. Recebem-se novidades por todos os paquetes. Grande estabelecimento de fazenda. Modas, novidades e armário. Esta casa tem sempre os mais modernos tecidos em todos os generos.

Largo de S. Francisco de Paula, 24

Ponto de RONDA de S. Christovam

RIO DE JANEIRO

Os mais puros e genuinos vinhos do mundo

DA

ANTIGA E UNIVERSALMENTE ACREDITADA CASA

Ferreirinha

do PORTO e REGOA

(FUNDADA EM 1751)

VINHOS VELHOS DE 1812 E 1815

(reserva especial)

Recommandados pelos Srs. medicos para os anemicos.
dyspepticos, doentes e convalescentes

VINHOS ADAMADOS

Bastardo, Malvasia e Moscatel

muito apreciados por todas as senhoras

Marcas para o commercio

Vesuvio -- Ferreirinha -- Cruzeiro -- Nogueiras e Cosmopolita

A' venda em todas as Confeitarias, Hoteis, Botequins,
Armazens e Vendas

Deposito — RUA 1.º DE MARÇO, N.º 17 — RIO DE JANEIRO

FONSECA & SA

SAQUES sobre Portugal, Ilhas, Hespanha, Italia,
Paris e Londres

MAISON NOUVELLE



MAISON NOUVELLE

Modas e Confeccões

Com atelier de modista e alfayate

ANTONIO RODRIGUES CHAMUSCA

Rua do Carmo, 68a72 — Quina das escadinhas de S.ª Justa

H. PARRY & SON

Construcção de navios de ferro e aço

Caldeiras e machinas a vapor para terra e mar

34, R. VINTE E QUATRO DE JULHO, 36

LISBOA

OBRA DE REPARAÇÃO EM CASILHAS

ESTABEIRO NO QINJAL

TORRES-CARNEIRO

Joaquim



Rua dos Ourives, 74-A
RIO DE JANEIRO

AGENCIA FINANCIAL

DE PORTUGAL

Rua General Camara—RIO DE JANEIRO

SOBRE-LOJA DO EDIFICIO DA

Associação Commercial do Rio de Janeiro

Continua aberto o pagamento de juros da divida publica portugueza, fundada e amortisavel nos termos da legislação vigente, e bem assim a emissão de

SAQUES SOBRE PORTUGAL

pagaveis pelo **Banco DE PORTUGAL (CAIXA GERAL DO THE-SOURO PORTUGUEZ)** em todas as capitães de districto e sedes dos concelhos do reino e ilhas adjacentes.

O Agente Financeiro

ALFREDO BARBOSA DOS SANTOS

VEIGA & C.^A

104, Rua do Rosario, 104

CAFÉ E COMMISSÕES

Sacam sobre o **BANCO ALLIANÇA** do Porto e seus correspondentes e agentes em Portugal, ilhas, Hespanha, Italia, Paris e Londres e concedem cartas de creditos

ESCRITORIO

104, Rua do Rosario, 104

TELEGRAMMAS—VEIGA

Rio de Janeiro

CARPINTARIA, MARCENARIA E SERRARIA

A VAPOR

DE

José Maria Pereira Junior

COMPLETO SORTIMENTO

DE

Madeiras e Materiaes

Para construcções civis

Construcção e reconstrucção de predios

RUA LAVRADIO, 33

RIO DE JANEIRO

FONSECAS, SANTOS & VIANNA

BANQUEIROS

R. D'EL-REI (VULGO CAPELLISTAS), 120

→ LISBOA ←

SOCIOS:

Carlos Ferreira dos Santos Silva, Francisco da Silveira Vianna e Joaquim Pinto da Fonseca

Compram e vendem fundos publicos nacionaes e estrangeiros, accções de bancos e companhias. Tomam e saccam letras sobre todas as praças estrangeiras e do reino. Recebem generos e fundos publicos á consignação. Recebem depositos em conta corrente a juro convencional, á vista ou a prazo. Fazem todas as operações de casa bancaria e de commissão

Formicida

SCHOMAKER

NOVO INVENTO PRIVILEGIADO

Infalível na destruição completa dos formigueiros pela produção continua de gases após sua applicação.

O Formicida Schomaker não é sulfureto de carbono, como são todas as marcas de formicidas até hoje conhecidas. É um novo invento de fórmula inteiramente diversa e de effeito infallível, como provam os attestados já publicados de agricultores competentissimos.

O conteúdo de uma lata de Formicida SCHOMAKER deve ser adicionado a 13 litros d'agua, produzindo assim cerca de 17 litros do poderoso formicida.

Logo que a lata seja aberta deve IMMEDIATAMENTE ser despejada n'uma vasilha que contenha cerca de 13 litros d'agua, e ser constantemente agitado todo o liquido com uma varinha de madeira, afim de ficar bem misturado.

Tendo-se de extinguir mais de um formigueiro, torna-se necessaria a agitação constante de todo o formicida á proporção que se fôr usando para serem aproveitadas as substancias chimicas que possui.

O Formicida SCHOMAKER é o unico que, após sua applicação, trabalha por si, produzindo gases toxicos em extraordinaria abundancia, muito pesados e de grande densidade, em produção continua e prolongada por mais de 60 dias, sendo natural e espontanea a dita produção de gases isto é, sem provocação artificial.

O Formicida SCHOMAKER vem substituir os antigos foles e as diversas machinas e prestar real serviço á lavoura, por destruir completamente os formigueiros onde fôr applicado de accordo com o modo de usar que se recommenda.

O Formicida SCHOMAKER é tambem magnifico adubo para as terras por conter phosphoro, sendo o unico formicida que pôde ser manipulado com essa substancia, por ser privativa do seu privilegio.

Para evitar falsificações, previne-se que a lata de formicida SCHOMAKER minto depois de vazia começa a desprender fumaça, que são gases de que a mesma ficou impregnada.

O Formicida SCHOMAKER

Está á venda em todos os Estados da Republica

Unicos depositarios

THEDIN, RODRIGUES & C.^a

R. General Camara, 11

RIO DE JANEIRO

VINHO ROMARIZ

Casa fundada em 1850

As melhores marcas dos afamados vinhos do

PORTO

Nº 1 Especial "1834"

SANTO ANTONIO

VINHO VERDE

GATÃO

Marcado com um gato no centro do tampo do barril com o nome

A. R. ROMARIZ & F.^{os}

Registada desde 1896 no Porto e Rio de Janeiro

A. R. ROMARIZ & F.^{os}

VILLA NOVA DE GAYA - PORTO

MARTINS, VIANNA, VAZ & C.

CONCESSIONARIOS DE

F. F. VAZ & C.^a e VIANNA, CASTRO & C.^a

Fabrica de marmelada

Fructas em conserva

Assucar em grosso e refinado — Confeltaria

— Molhados — Velas —

Sabão — Kerozene — Oleos, etc.

Telegramma VAZ

Caixa postal — 484

154, Rua de S. Pedro, 155

67, Rua Andradas, 67

RIO DE JANEIRO

JULIO LIMA & C.^a



FABRICANTES DE CHAPEUS DE FELTRO

Fabrica

167, RUA DE S. CHRISTOVÃO, 167

Deposito

46, RUA DE S. PEDRO, 46

End. tel. — JULIMA.

RIO DE JANEIRO

FABRICA FUNDADA EM 1897 — Ocupa a área de 12.000 metros quadrados

MACHINISMOS MODERNOS E APERFEIÇADOS

Os seus productos rivalisam vantajosamente com os importados do estrangeiro. Esta fabrica, foi distinguida com o

Diploma de Honra

O mais distincto de todos os premios

na Exposição Artistico-Industrial de 1900, primeira a que concorreu. — Absteve os principais mercados do paiz.

ANGELINO SIMOES & C.

Generos alimenticios de primeira qualidade

De conta propria

Commissões e consignações

Importação e transações directas com as principais praças do Brazil e da Europa

Vastos armazens nos novos predios recente e expressamente edificadas para este ramo de negocio em larga escala



Rua do Mercado, n.º 31

Rua do Rosario, n.º 1 a 5

Beco da hapa dos Mercadores, n.º 6 e 8



RIO DE JANEIRO

End. telegraph ANGELINO

Caixa postal 1054

Endereço telegraphico LION
S. PAULO

LION & C.^a

CAIXA DO CORREIO
N.º 44

S. PAULO, SANTOS E HAMBURGO

BRASIL E ALLEMANHA

ESCRITO. 110: R. de Commercio, 3

CIMENTO PORTLAND

QUALIDADE

SUPERIOR



RESISTENCIA

GARANTIDA

Usado com optimos resultados por empresas particulares e Obras Publicas da Europa, dos Estados Unidos da America do Norte e do Brasil. Approvado pela Repartição de Aguas e Esgotos de S. Paulo-Brazil.

IMPORTADORES e DEPOSITARIOS

LION & C.^a

S. PAULO E SANTOS

Brasil.

The Pacific Steam Navigation Company

Caes do Sodré, 64, 1.º

LISBOA

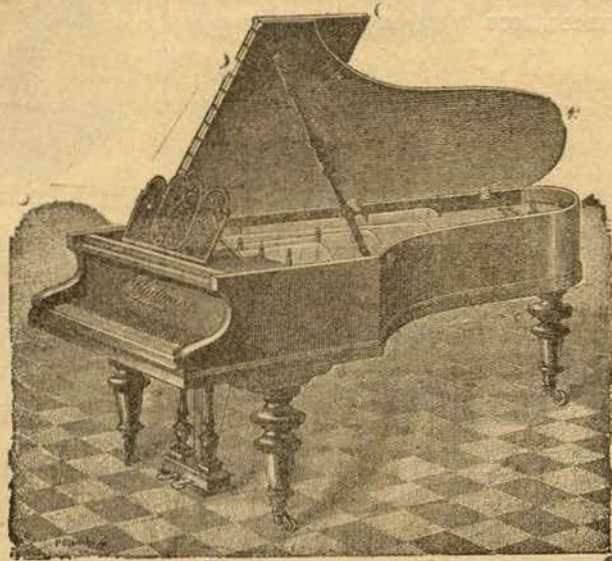
OS AGENTES — E. Pinto Basto & C.



Viagens rapidas para o Brazil e portos do Pacifico. Carreira quinzenal (as quartas feiras alternadas). Grandes paquetes, luz electrica, luxo e todas as commodidades. Preços modicos para S. Vicente, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Montevideo, Valparaiso, portos do Chili e Peru, e, na volta, para La Platte e Liverpool.

PIANOS DE PLEYEL

Único depositário dos pianos de JULIUS BLUTHNER



Único depositário dos pianos de JULIUS BLUTHNER

BAVEAU, BORD, SCHIEDMAYER, FRIED-BUSCHMANN e de outros autores

Todo e qualquer artigo para reconstrução de pianos — Vendas por preços módicos e garantidos

No conhecido estabelecimento de pianos e musicas. Oficinas para reconstrução de pianos, harmoniums e impressão de musicas. — Encaixotamento especial para os mesmos instrumentos.

ANTIGA CASA

BUSCHMANN & GUIMARÃES

MANUEL ANTONIO GUIMARÃES

Successores de Buschmann Guimarães & Irmão

Telephone n.º 449

50 — Rua dos Ourives — 50

RIO DE JANEIRO

ARMAZEM

DO

PARC ROYAL

M. NUNES & C.^a

Completo sortimento de todos os artigos

DE USO PARA

Senhoras e para homens

OFFICINA de costuras.

FABRICA de perfumarias.

FABRICA a vapor de roupas brancas.

OFFICINA e DEPOSITO de calçado.

Exportação para todos os Estados da Republica

IMPORTAÇÃO DIRECTA

Preços fixos sem competencia

L. de S. Francisco de Paula, 8 a II

RIO DE JANEIRO



EMPRESA INSULANA DE NAVEGAÇÃO

Para **Madeira, Santa Maria, S. Miguel, Terceira, Graciosa (Praia), S. Jorge (Vellas) Caes do Pico e Fayal.**Sae o vapor **FUNCHAL**, com mandante Antonio Xavier de Andrade, no dia 20 de outubro às 10 horas da manhã.

Trata-se com os agentes — Caes do Sodré, 81, 2.º

Germano Serra — Graciosa.

BANCO NACIONAL

ULTRAMARINO

Sociedade de anonyma de responsabilidade limitada

SÉDE EM LISBOA

49 — RUA NOVA D'EL-REI — 74

ULTRAMAR

Caixas Filiaes

S. Thiago de Cabo Verde — S. Thomé — Loanda — Benguela — Lourenço Marques — Nova Goa.

AGENCIAS

S. Vicente de Cabo Verde — Bolama — Mossamedes — Quelimane — Inhambane — Moçambique — Macau.

Fabrica Confiança de Gravatas

VENDAS POR ATACADO

Endereço telegraphico — GRAVATAS

J. AZEVEDO & C.^a

Largo de S. Francisco de Paula, 4 B

RIO DE JANEIRO

GRANADO & C.^a

Chimicos, Droguistas e Pharmaceuticos
Rua 1.^a de Março, 12
RIO DE JANEIRO



Esta casa recomen-
da-se pela sua seriedade
e pelo escrupuloso cui-
dado com que preside ao
aviamento do seu recei-
tuario.

Além de notoria-
mente acreditada pelo
seu completo sorti-
mento de productos
chimicos e pharmaceu-
ticos estrangeiros, de
precedencia e legiti-
midade garantidas, é a
casa — **GRANADO** —
geralmente conhecida
pela excellencia de
seus preparados, mani-
pulados em seu bem
montado **LABORA-
TORIO**, a Rua Vis-
conde do Rio Branco,
27, com o maximo cri-
terio e escrupulo, como
bem o affirmam innu-
meros attestados de to-
das as summidades

do Brasil, merecendo especial menção os seguintes:

Agua ingleza — Croosotal granulado — Kola granulada — Levurina gr-
nulada — Licor Tibaina — Magnesia fluida — Mentholina — Remedio
contra a embriaguez — Vinho de noz de Kola — Vinho iodo-tanico —
Vinho reconstituinte (com quinium, carne, lacto-phosphato de cal e pe-
psina glicerinada) — Xarope anti-catarhal (cardus benedictus).

FORNECEM-RE PREÇOS CORRENTES

Rua 1.^a de Março, 12

Rio de Janeiro

BRASIL

O jersey de malha russo

Flexivel em todos os sentidos

HYGIENICO

E

ELEGANTE

— Está lá? ...

—

— Se eu estou contente com o **Jersey de ma-
lha russo**? Estou encantada com elle, e nunca mais
usarei outra cousa.

Encontra-se nas Casas de Novidades e de rouparia

VENDA POR GROSSO: REMY, BAULEY & C.^a, Troyes

GABINETE HYDROTHERAPICO

Dr. Mauperrin Santos

Métodos de curar: J. Mauperrin Santos
Silvestre d'Almeida

Instalção hydrotherapica completa: de
las de agua para locutiva e senhores, ins-
tamente a. de las e independentes; gabo-
nates d'agua cidade e nasagem. Nas-
e ymbalica dica, dirigidos por C. de So-
a. Tratame. de doçozas reitoras e do est-
age.

Horas das 8 de 12 de manhã e das 2 de 8 de tarde

Endereço: CALÇADA DO DUQUE, 20
CALÇADA DA SLOIA, 15 Lisboa

HAMBURG-AMERIKA-LINIE

HAMBURG-SUDAMERIKANISCHE

DAMPFSCHIFFFAHRTS-GESELLSCHAFT

AGENCIA EM LISBOA

ERNST GEORGE SUCC.^s

Rua da Prata, 8

Sabidas semanas dos bem conhecidos pa-
quetes Hamburguezes de LISBOA com destino
aos portos de PERNAMBUCO, BAHIA, RIO
DE JANEIRO e SANTOS.

AGUA

DA

SERRA DO TRIGO

A Serra do Trigo — Nascentes da agua

A melhor agua de meza
das nascentes da Serra do Trigo no bello vale
das Furnas, na Ilha
de S. MIGUEL-AÇORES, agua incolor
gazosa-carbonatada

SEM RIVAL

Machado, Carreiro & Brazil

13—RUA DA CANEDA—15

PONTA DELGADA